

## O Mal, a vingança, a memória e o perdão



**Abrão Slavutzky**

O Holocausto e o dever da memória

**Noêmia Crespo**

Vingança, justiça e o gozo do Outro

**Rodrigo Dantas**

A reinvenção da vida, para além da vingança e do perdão

E mais:

>> **Pedro Gilberto Gomes:**  
Espiritualidade na Internet:  
o surgimento de uma nova  
religião?

>> **Neusa Barbosa:**  
Decálogo de Kieslowski.  
Uma provocação

# O Mal, a vingança, a memória e o perdão

As conexões entre o Mal e a vingança, o perdão e a memória são o tema que instiga a **IHU On-Line** desta edição. A memória da paixão e morte de Jesus e sua ressurreição que atualizamos nesta semana de Páscoa, além da leitura atenta da realidade de hoje, muitas vezes expressa na filmografia mais recente, fez com que convidássemos alguns especialistas para discutir este tema, atual e complexo.

O psicanalista argentino **Alfredo Jerusalinsky** responde às “Doze perguntas sobre o inferno”, como ele próprio se referiu ao conceder entrevista à **IHU On-Line**. O também psicanalista **Abrão Slavutzky** debate o dever da memória em relação ao Holocausto. Já o antropólogo **Julio Melatti** analisa a vingança nas culturas indígenas, enquanto o filósofo **Rodrigo Dantas** (UnB) sugere a necessidade de uma reinvenção da vida, para além da vingança e do perdão. A vingança, a justiça e o gozo do Outro são o objeto de reflexão da psicanalista **Noêmia Crespo** (UFES).

O Prof. Dr. **Pedro Gilberto Gomes**, SJ, concede uma entrevista, aprofundando o tema que irá debater no IHU Ideias do dia 8-4-2010, quando discute *Espiritualidade via Internet: desafios e perspectivas*. Adam Smith: filósofo e economista é o assunto de mais uma edição do Ciclo em EAD Repensando os Clássicos da Economia que inicia no dia 5 de abril. Os professores de economia **Fernando Lara** e **Achyles Barcelos da Costa**, da Unisinos, comentam, rapidamente, a importância do “pai” da economia clássica.

**Neusa Barbosa**, jornalista e crítica de cinema, reflete sobre o *Decálogo* de Kieslowski, em exibição e debate no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nesta e na próxima semana.

Na Coluna do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (Cepos), **Anto J. Benítez**, membro do Grupo de Pesquisa TECMERIN da Universidade Carlos III de Madri, Espanha, discorre sobre a tecnologia capaz de libertar a comunicação coletiva.

**Waldecy Tenório**, professor da PUC-SP, que recentemente esteve na Unisinos, a convite do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e proferiu a aula inaugural do Curso de Letras, narra a sua trajetória de vida e da sua caminhada intelectual perscrutando a literatura e a poesia brasileira e universal.

Uma entrevista com dois dos três autores da obra *A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*, **Paulo Roberto Gomes** e **Afonso Murad**, completa a edição.

Informamos que na próxima semana a **IHU On-Line** não circulará. A revista volta a circular, normalmente, no dia 12 de abril.

A todas e todos uma ótima leitura, uma excelente semana e uma Feliz Páscoa!

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Alfredo Jerusalinsky: Doze perguntas sobre o inferno

PÁGINA 09 | Rodrigo Dantas: A reinvenção da vida, para além da vingança e do perdão

PÁGINA 11 | Abrão Slavutsky: O Holocausto e o dever da memória

PÁGINA 16 | Julio Cezar Melatti: A vingança nas culturas indígenas

PÁGINA 18 | Noêmia Santos Crespo: Vingança, justiça e o gozo do Outro

### B. Destaques da semana

» Livro da Semana

PÁGINA 22 | Afonso Murad e Paulo Roberto Gomes: A casa do diálogo e a teologia plural

» Coluna do Cepos

PÁGINA 24 | Anto J. Benítez: Tecnologia para libertar a comunicação coletiva

» Destaques On-Line

PÁGINA 26 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Sala de Leitura

» Agenda de Eventos

PÁGINA 32 | Convocatória para o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana

PÁGINA 33 | Convocatória para o XII Simpósio Internacional IHU: A experiência missionária: território, cultura e identidade

PÁGINA 35 | Pedro Gilberto Gomes: Espiritualidade na Internet: o surgimento de uma nova religião?

PÁGINA 38 | Neusa Barbosa: Decálogo de Kieslowski. Uma provocação

PÁGINA 40 | Projeto didático “Religiões do Mundo”: nas pegadas das religiões mundiais

» Perfil

PÁGINA 42 | Waldecy Tenório

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Caroline Santilli



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Doze perguntas sobre o inferno

O psicanalista Alfredo Jerusalinsky aponta a impossibilidade de uma reconciliação nacional no caso da ditadura argentina. A única forma de aplacar a vontade de vingança é fazer desaparecer os vestígios do “sistema de poder que causou e legitimou os crimes”, reflete

POR MÁRCIA JUNGES E MARIO CORSO

“Nem Deus consegue perdoar o Diabo”, responde o psicanalista argentino Alfredo Jerusalinsky quando questionado sobre as relações entre o Mal, a vingança e a memória no caso da ditadura da Argentina. Para ele, “o único modo de apagar o desejo de vingança é que desapareça por completo qualquer vestígio do sistema de poder que causou e legitimou esses crimes, que o povo que foi cúmplice castigue e repudie definitivamente seus autores, e não mais os mantenha sob uma auréola de heróis injustiçados, acaçapados na espera de uma brecha para ocupar novamente algum lugar na história”. O mínimo que devemos é manter viva a memória de quem sucumbiu sob a bota da ditadura. Vivendo no Brasil em busca de ares de liberdade, e ao vivenciar a perseguição e morte de inúmeros intelectuais, seus companheiros, ele desabafa: “Quando passo por um café de Buenos Aires, vejo meus amigos que não estão sentados aí. Quando me convidam a dar uma aula na Universidade de Buenos Aires, de repente, encontro-me com um sobrevivente ou com um exilado que retornou, nos abraçamos, olhamos em volta e vemos que os jovens estão esperando que comecemos a dar nossa aula. Começamos a falar para os jovens, e, sem que eles o saibam, também falamos para essa geração (a nossa) ausente e congelada no meio da sala como um puro fantasma”. Em seu ponto de vista, só se pode falar em um “esfriamento”, e não em uma reconciliação nacional: “O que ocorre é que as pessoas que passaram por isso, e sobreviveram, inevitavelmente morrerão. E, sem dúvida, os sentimentos dos mortos são bem mais frios que os dos vivos”. Na entrevista concedida com exclusividade à **IHU On-Line**, por e-mail, Jerusalinsky debate, também, a profusão de filmes que retratam os horrores das ditaduras e do Holocausto. “Os filmes, como os livros, podem mostrar a realidade sem realizá-la”.

Jerusalinsky é psicanalista e mora no Brasil desde 1977. Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, é doutor em Educação e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP. Além disso, é membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Association Lacanienne Internationale. De sua vasta bibliografia, destacamos *La formación del psicoanalista* (Buenos Aires: Editora Nueva Visión, 1989), *Psicanálise e desenvolvimento infantil* (2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998), *Para entender al niño, claves psicoanalíticas* (Quito: Ediciones ABYA-YALA, 2003) e *Quem fala na língua?: sobre as psicopatologias da fala* (Bahia: Ágalma, 2004). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Do ponto de vista da psicanálise, de que forma podemos compreender o lado oculto do ser humano, o mal que é contido a duras penas e que floresce em ocasiões como o Holocausto e nas ditaduras sangrentas da América Latina, por exemplo?**

**Alfredo Jerusalinsky** - A civilização nasce por um pacto de não agressão

entre os irmãos que assassinaram o pai da horda primitiva, estabelecendo regras para a circulação das fêmeas. Se, a partir desse ato, a vigília da fratria passou a ser um pouco mais tranquila, doravante os sonhos daqueles homens primitivos ficaram bem mais agitados: o pai morto, ora transformado num agressor intangível, retornava naqueles desde as sombras imaginárias.

Homenagens, rituais, sacrifícios, autoflagelações, cerimônias e oferendas foram inventadas para apaziguar sua fúria e acalmar suas vinganças. Em todas as religiões, os deuses, em algum momento, sofrem uma ofensa, e os homens, causadores dela, tornam-se culpados e merecedores de castigo e constrangimento. Perdas, privações e sofrimentos representam o poder des-

ses deuses assim como suas dádivas e premiações. Capazes de impor as dores mais atrozes e os prazeres mais almeçados, é, no mínimo, curioso o quanto os deuses das mais diversas culturas possuem as mesmas paixões que caracterizam os humanos. Por isso, sempre ficou tão fácil estabelecer representantes dos deuses na Terra, e justificar os atos desses representantes como intermediários das vontades de Deus. O Estado nasce como representante desse Grande Outro, Pai onírico pleno de autoridade porque lhe devemos a vida. Não a nossa, mas a dele (leve-se em conta que qualquer Estado se considera no direito de exigir de seus cidadãos que defendam sua existência ainda ao custo de suas vidas). Esta estrutura inconsciente de características paranóicas que define o modo do laço social civilizado facilita, naqueles que acedem a posições de poder, o desdobramento de delírios messiânicos e a obediência cega de seus comandados. A posição messiânica torna o sujeito em questão representante da única versão possível do bem. Portanto, para ele, toda e qualquer diferença que seja meramente enunciada constitui um mal radical que deve ser extirpado. Tal a posição do Führer Adolf Hitler<sup>1</sup> na Alemanha, e do Presidente General Rafael Videla<sup>2</sup> na Argentina, ou de Pinochet<sup>3</sup> no Chile.

1 Adolf Hitler (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer “condutor”, “guia” ou “líder”. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf (Minha Luta)*. No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados “indesejados”, como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da IHU On-Line, de 13-06-2005, comentou na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda - as últimas horas de Hitler*, disponível em <http://migre.me/s7hk>. A edição 265, intitulada *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, de 21-07-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder, disponível em <http://migre.me/s7gM>. (Nota da IHU On-Line)

2 Jorge Rafael Videla (1925): militar e ditador da Argentina, presidente entre 1976 e 1981. (Nota da IHU On-Line)

3 Augusto José Ramón Pinochet Ugarte

“Esta estrutura inconsciente de características paranóicas que define o modo do laço social civilizado facilita, naqueles que acedem a posições de poder, o desdobramento de delírios messiânicos e a obediência cega de seus comandados”

**IHU On-Line - Por que o ser humano faz o Mal, se é capaz de fazer o bem?**

Alfredo Jerusalinsky - Sua pergunta supõe que saibamos o que é o Bem para o outro quando, em verdade, talvez sejamos apenas capazes de intuir o que poderia ser o Mal para ele. Quando um sujeito não se faz responsável das consequências que seus atos têm para seus semelhantes, está abandonando o terreno da ética. Quando abandona esse terreno, ele se transforma num “analfabeto radical”. Não se trata de não saber ler os grafismos de uma escrita, mas de não saber ler as diferentes significações das letras que marcam os corpos e as vidas de cada um. O totalitarismo lê as ideias, os sentimentos e as histórias de cada um como se fossem todos iguais ou, se assim não fossem, devessem sê-lo. Os tiranos, em verdade, não leem, eles repetem sempre o mesmo texto, fingindo que estão lendo. Essa é a forma mais radical, extensa e profunda de fazer o Mal.

(1915-2006): general do exército chileno, foi presidente do Chile entre 1973 e 1990, depois de liderar um golpe militar que derrubou o governo do presidente socialista, Salvador Allende. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Como é possível lidar com a memória sem que essa se converta em vingança ou revanchismo?**

Alfredo Jerusalinsky - Quando, no século XIX, a Rainha Vitória<sup>4</sup> de Inglaterra dobrou o valor pago pela colheita aos latifundiários da Irlanda, provocou três consequências: a primeira foi a aliança da aristocracia irlandesa com os interesses da coroa sobre as Ilhas Britânicas, a segunda foi a morte por fome de mais de dois milhões de irlandeses porque todos os alimentos foram vendidos à Inglaterra devido às vantagens nos preços, e a terceira foi o nascimento do IRA (o Exército Revolucionário Irlandês). Será que a Rainha Vitória pensou que estava apenas fazendo um bom negócio? Quando o povo alemão viu desaparecer de suas cidades três milhões de judeus, suas lojas devastadas, suas casas saqueadas, seu dinheiro confiscado, seu alimento sucateado, arriados como gado pelas ruas, discriminados com a marca visível que os identificava como uma classe sem direitos, aqueles que até meia hora atrás eram seus vizinhos, o povo alemão pensou que esses, seus vizinhos, estavam partindo para uma viagem de férias? Quando os povos que se enriqueceram com a exploração dos escravos africanos declararam a abolição, deixando a população negra em liberdade de gozar plenamente de seu desemprego, da falta de moradia, da dispersão de suas famílias, de seu analfabetismo longamente cultivado pelos seus patrões, da degradação de sua cultura originária, do apagamento de suas raízes, da condição de cidadãos de segunda classe, esses povos pensaram que estavam fazendo justiça e que tudo se resumia em que prevalecessem os bons sentimentos?

**IHU On-Line - Quando a memória implica carregar uma série de lugares vazios a seu lado durante a vida toda, exigir o castigo dos autores**

4 Vitória I do Reino Unido (1819-1901): rainha do Reino Unido de 1837 até a morte, sucedendo ao tio o rei Guilherme IV. A incorporação da Índia no Império Britânico em 1877 conferiu a Vitória o título de Imperatriz da Índia. O reinado de Vitória ficou conhecido como a Era Vitoriana. Este período foi marcado pela revolução Industrial e por grandes mudanças a nível econômico, político, cultural e social. (Nota da IHU On-Line)

**desses vazios significa vingança ou revanchismo?**

**Alfredo Jerusalinsky** - O único modo de apagar o desejo de vingança é que desapareça por completo qualquer vestígio do sistema de poder que causou e legitimou esses crimes, que o povo que foi cúmplice castigue e repudie definitivamente seus autores, e não mais os mantenha sob uma auréola de heróis injustiçados, acaçapados na espera de uma brecha para ocupar novamente algum lugar na história.

**IHU On-Line - A vingança é redentora? Por que razão o ser humano se vinga?**

**Alfredo Jerusalinsky** - A meu ver, definir o que é redentor *a priori* equivale a garantir que seu crime será perdoado. Dito de outro modo, é uma figura cínica. Nem a vingança nem o perdão, portanto, são, *a priori*, redentores. As razões da vingança são variadas (pagar a dívida com a vítima amada, medir forças com o agressor, devolver o mal para quem o causou etc.), mas, de um modo geral, toda vingança obedece ao desejo de escapar da angústia de impotência que a condição de vítima impõe. Assim são atores da vingança não somente aqueles que ficaram como vítimas reais, mas também os que se identificam com elas.

**IHU On-Line - O recente filme *Bastardos Inglórios* aborda o nazismo por um ângulo ímpar, afinal, trata-se de uma fantasia de vingança, ou pelo menos de uma revanche. Como o senhor acredita que esse filme pode ajudar quem foi vítima da barbárie nazista? Não seria simplesmente estar do outro lado da violência, identificado com os agressores?**

**Alfredo Jerusalinsky** - Os livros nos permitem vivenciar situações que nunca vivemos e que, bem provavelmente, nunca viveremos. Eles nos poupam de cometer certos atos porque nos oferecem o gozo de imaginá-los. Os filmes são uma forma atualizada de volumosos livros belamente ilustrados. É a diferença entre a fantasia e o ato, entre o real e a ficção. Os filmes, como os livros, podem mostrar a realidade sem realizá-la. Por meio da ficção, elabo-

ramos o ódio e o amor que as coisas nos causam, antecipamos as consequências de nossos atos. *Bastardos Inglórios* é um filme, e não uma vingança. Por outro lado, esse filme não propõe uma identificação com o agressor: em nenhuma expressão desse filme se vislumbra qualquer proposta de extermínio em massa do povo alemão.

**IHU On-Line - Esse filme faz parte de uma série, afinal são inúmeras produções recentes sobre o nazismo, como, por exemplo, *O Menino do Pijama Listado*, *O Leitor*, *A Onda*, *Um Homem Bom*. O nazismo não teria se tornado um paradigma do Mal, com isso indo além dos povos envolvidos, e talvez por isso haja tantos filmes, como uma maneira de curar o trauma de uma ferida de todo o Ocidente?**

**Alfredo Jerusalinsky** - Se há algo que a Modernidade não esperava do progresso burguês era precisamente o efeito nazi-fascista da rivalidade capitalista. Poderíamos dizer que o mundo todo se surpreendeu com isso, embora Karl Marx<sup>5</sup> já o tivesse antecipado de algum modo em *O Capital* acerca dos efeitos racistas da oposição competitiva entre capitais identificados com as fronteiras nacionais. Desde esse ponto de vista, poderíamos dizer que se fosse situada hoje a Segunda Guerra Mundial, ela seria um anacronismo. A ferida causada pela barbárie nazi-fascista (não devemos esquecer o extermínio da esquerda e da intelectualidade espanhola e italiana) não é somente uma ferida nos sentimentos humanísticos, mas uma profunda ferida na confiança da humanidade nos ideais da modernidade que nos deixa completamente inseguros no que se refere a nosso futuro mais próximo. Todos esses filmes que você menciona têm uma

<sup>5</sup> Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU idéias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lf>. (Nota da IHU On-Line)

particularidade: mostram-nos que o pior pode se desenvolver bem ao nosso lado, e nós, embora o vejamos, fazemos um tremendo esforço para impostar o papel de cegos.

**IHU On-Line - Essa profusão de filmes não reforçaria a identidade de vítima de quem sofreu com o Holocausto ou a guerra?**

**Alfredo Jerusalinsky** - As vítimas das quais estamos falando, ou seja, as que o foram ou ainda o são, de atos de barbárie política, preferem, é claro, que seu calvário não seja esquecido, porque se o fosse, seu sofrimento teria sido em vão: a humanidade não teria aprendido nada com isso. Esse seria seu pior destino. Os filmes que contribuem a lembrar esses calvários mostram para essas vítimas que os sofrimentos e maus tratos que padeceram despertaram maiores desejos de justiça, e isso lhes devolve algo da dignidade que seus carrascos lhes arrancaram. Por outro lado, alguém que estabelece uma identidade de vítima, ou bem vive incessantemente sua tragédia sem conseguir desprender-se dela, ou bem se transforma num farsante queixoso que tenta obter privilégios em função da tragédia que o vitimou. Em qualquer um desses dois casos, trata-se de uma condição psíquica doente.

**IHU On-Line - No caso da ditadura na Argentina, como poderíamos relacionar o mal, a vingança e a memória?**

**Alfredo Jerusalinsky** - Nem Deus consegue perdoar o diabo.

**IHU On-Line - O senhor faz parte de uma geração que, em seu país, foi mutilada, quando a maior parte da intelectualidade argentina foi suprimida. Pessoalmente, como se sente em relação a essas perdas? E como o país reagiu a esses fatos?**

**Alfredo Jerusalinsky** - Quando passo por um café de Buenos Aires, vejo meus amigos que não estão sentados aí. Quando me convidam a dar uma aula na Universidade de Buenos Aires, de repente, encontro-me com um sobrevivente ou com um exilado que retornou, nos abraçamos, olhamos em volta e vemos que os jovens estão esperando que come-

ceamos a dar nossa aula. Começamos a falar para os jovens, e, sem que eles o saibam, também falamos para essa geração (a nossa) ausente e congelada no meio da sala como um puro fantasma. O país perdeu o ritmo de seu desenvolvimento, o fio de sua produção científica e cultural durante duas décadas, embora a extraordinária coragem e tenacidade da intelectualidade argentina conseguiu manter ocultas e protegidas as bases e fundamentos de sua produção que, ao término da ditadura, soube unir os mais jovens, gestando um verdadeiro renascimento. Isso se percebe na ciência, na literatura, no teatro e no cinema argentino, nas suas expressões mais recentes.

**IHU On-Line - Como é possível manter a memória viva de fatos traumáticos como esse sem perpetuar um sofrimento nos que sobreviveram? Nesses casos, o que não deve ser esquecido?**

**Alfredo Jerusalinsky** - Manter viva a memória dos que sucumbiram sob a brutalidade da ditadura é o mínimo que lhes devemos. Não deve ser esquecida a dignidade com que lutaram por um ideal de justiça e liberdade, e tampouco deve ser esquecido quem fez de cada cidadão um inimigo.

**IHU On-Line - Acredita que existe perdão, num sentido de reconciliação nacional, ou o que acontece apenas é um esfriamento, um distanciamento dos fatos?**

**Alfredo Jerusalinsky** - É possível se reconciliar com um torturador? Em que consistiria uma reconciliação nacional com aquele que vendeu literalmente a nação, como Carlos Menem,<sup>6</sup> por exemplo, ou Martínez de Hoz<sup>7</sup> que

6 Carlos Saúl Menem (1930): político argentino. Governou o país entre 1989 e 1999, pelo Partido Justicialista (peronista). (Nota da IHU On-Line)

7 José Alfredo Martínez de Hoz: conduziu a economia durante toda a presidência de Jorge Rafael Videla, na Argentina. Suas medidas econômicas, baseadas na abertura dos mercados e no desmantelamento da legislação trabalhista vigente, contribuíram para o desmantelamento dos sindicatos e a polarização das diferenças de classe. Devido à eliminação das barreiras tarifárias, a queda da produção industrial e o saldo negativo da situação exterior de Argentina durante o Processo, o valor nominal da dívida externa se multiplicou por quatro. (Nota da IHU On-Line)

destruiu sua economia? Pode se perdoar alguém como o Almirante Massera<sup>8</sup> - integrante da Junta Militar com Rafael Videla e Agosti<sup>9</sup> - que transformou a Escuela de Mecánica de La Armada num campo de concentração e tortura, que criou o engenhoso método de soltar prisioneiros vivos sobre o oceano desde aviões e helicópteros e que sequestrou e ordenou sequestrar dezenas de crianças, filhos de prisioneiros, privando-os de suas relações e de suas identidades familiares? Confesso que não consigo imaginar em que consistiria tal perdão, tais reconciliações. Tenho certeza de que compartilho com a imensa maior parte do povo argentino essa dificuldade. Sim, um esfriamento. O que ocorre é que as pessoas que passam por isso, e sobrevivem, inevitavelmente morrerão. E, sem dúvida, os sentimentos dos mortos são bem mais frios que os dos vivos.

**IHU On-Line - Quando as pessoas, especialmente os familiares dos mortos e desaparecidos, pedem esclarecimentos, mais informações, movem processos e clamam por justiça, às vezes, isso é interpretado como revanchismo, como uma forma de vingança. Qual é a sua percepção sobre isso?**

**Alfredo Jerusalinsky** - Nunca se viu

8 Emilio Eduardo Massera (1925): militar argentino, anti-peronista convicto, participou do golpe que destituiu Juan Perón em 1955. Membro integrante da junta militar ao lado de Jorge Rafael Videla (Exército) e Orlando Ramón Agosti (Aeronáutica), Massera protagonizou através da Marinha Argentina uma repressão implacável aos opositores do regime, com um saldo de milhares de mortos. Comandou o centro de detenção clandestino da Marinha em Buenos Aires, conhecido como ESMA (Escola Superior de Mecânica da Armada). Neste local estima-se que passaram 5000 (cinco mil presos) e entre eles uma centena sobreviveu. Massera foi julgado e condenado a prisão perpétua em 1985. Indultado pelo governo de Carlos Menem, Massera se tornou novamente alvo da justiça após Néstor Kirchner reabrir os processos contra os militares da última ditadura. (Nota da IHU On-Line)

9 Orlando Ramón Agosti (1924-1997): militar argentino, membro do Processo de Reorganização Nacional, que governou de fato seu país entre 1976 e 1981 após o golpe de estado que destituiu a presidente María Estela Martínez de Perón. Julgado após a restauração da democracia, Agosti foi declarado culpado em oito casos de tortura e roubo, sendo sentenciado a quatro anos e seis meses de prisão além de ser destituído do cargo. (Nota da IHU On-Line)

uma “Madre de Plaza de Mayo”<sup>10</sup> ou uma “Abuela”, ou ainda qualquer familiar de desaparecido exigir que rapta-se ou fizessem desaparecer o filho, neto ou parente de qualquer delinquente das forças policiais, nem tampouco que torturassem um torturador. Isso evidencia que não se trata nem de vingança, nem de revanchismo. Trata-se, sim, da imperiosa necessidade de preencher em parte o cruel vazio que, durante décadas, deixou o familiar desaparecido, com o agravante de que se sabia que alguém sabia onde estava, ou qual tinha sido seu destino. A negativa a fornecer essa informação não protege nenhuma segurança de Estado (que ameaça pode representar uma mãe desesperada ou uma ossada inerte?), mas consiste numa estratégia de terror e esmagamento emocional da população oposta à ditadura por meio de táticas de crueldade psicológica. Que se informe sobre o destino dos cidadãos, que a lei se aplique sobre o delinquente qualquer que seja sua condição ou classe, que os direitos humanos sejam respeitados, é o mínimo que qualquer habitante de um país civilizado não somente pode pedir, mas que deve exigir.

#### LEIA MAIS...

Alfredo Jerusalinsky já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

\* *A impunidade alenta o retorno da barbárie*. Entrevista publicada na revista IHU On-Line, número 269, de 18-08-2008, disponível em <http://migre.me/rt9l>

\* *A bússola do sujeito muda seu norte*. Entrevista publicada na revista IHU On-Line, número 220, de 21-05-2007, disponível em <http://migre.me/rt9x>

\* *Borat, Babel e A Rainha e suas relações*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia 09-03-2007, disponível em <http://migre.me/rt9J>

**10 Mães da Praça de Maio:** mulheres que se reúnem na Praça de Maio, Buenos Aires, para exigirem notícias de seus filhos desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina (1976-1983). Alguns pais, considerados subversivos, tiveram seus filhos retirados de sua guarda e colocados para a adoção durante os cinco anos de ditadura. Quando acabou a ditadura, muitos filhos estavam sob guarda de famílias de militares. Ainda hoje, todas as quintas-feiras, as mães realizam manifestações na Praça de Maio, em frente à Casa Rosada, buscando manter o desaparecimento de seus filhos vivo na memória de todos os argentinos. (Nota da IHU On-Line)

## A reinvenção da vida, para além da vingança e do perdão

Sentimentos reativos como vingança e perdão precisam ser superados, reinventando a vida, afirma o filósofo Rodrigo Dantas. A vingança é uma manifestação de impotência, e seu “espírito” é niilista por essência

POR MÁRCIA JUNGES

**U**ma manifestação de impotência. Assim o filósofo Rodrigo Dantas define a vingança na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, com exclusividade. Ele alerta para a diferença da vingança em relação à rebeldia e indignação. A vingança é sua forma degradada, negativa e destrutiva, adverte. “A rebeldia e a indignação podem levar à ação que transforma a existência. A vingança leva apenas à negação e à destruição. Em nossa sociedade, a forma mais concentrada e caricatural da vingança é o terrorismo”. O espírito de vingança, niilista em sua essência, significa a negação da negação, convertendo tudo em ressentimento, impotência e vingança. Dantas frisa, também, a importância de se manter a memória em nossos tempos. Segundo ele, há uma “operação reacionária em curso”. Seu objetivo é apagar a memória: “uma vez rompida qualquer conexão entre o sujeito e sua história, trata-se agora de liquidar a própria história. A memória não pode permanecer como memória encerrada sobre si mesma: para não sucumbir à sua impotência, é preciso que ela se converta em interpretação, em interpretação da história de que somos o resultado”. A conversão de memória em ressentimento e vingança só se concretiza quando prevalece o sentimento de impotência, analisa. Superando a vingança e o perdão, “sentimentos reativos dos quais nada podemos esperar, seria preciso reinventar a vida”.

Rodrigo de Souza Dantas Mendonça Pinto é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Sua tese foi intitulada *Para uma Análise Crítica do Presente - Mercantilização e Tecnificação da Vida: a Formação Histórica de uma Situação-Limite*. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília - UnB, Dantas escreveu inúmeros capítulos de livros e artigos para publicações científicas. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Podemos dizer que há uma exacerbação do mal e também da vingança em nosso mundo atualmente? Por quê?**

**Rodrigo Dantas** - Vivemos num mundo fundado em relações de força, poder, dominação, exploração e opressão, em que uma concentração cada vez maior de riqueza e poder impõe a disseminação cada vez mais ampla da pobreza, do desemprego e da miséria. Neste mundo, a apologia da competição e da competitividade como paradigma determinante das relações sociais consagra um “ethos” cada vez mais propício à guerra de todos contra todos como forma naturalizada da sociabilidade humana. A exaltação “espetaculariza-

da” da violência só pode ser o mais popular dos produtos da indústria cultural em nossos tempos porque vivemos numa sociedade fundada na violência.

**IHU On-Line - Até que ponto a vingança faz parte da essência do ser humano, e até que ponto ela é uma exacerbação da decadência e do ressentimento?**

**Rodrigo Dantas** - A vingança é uma manifestação de impotência. Tomemos um exemplo: a explosão espetacular das torres gêmeas em Nova Iorque, em setembro de 2001, uma violenta manifestação terrorista de vingança. O que o terrorismo expressa, como manifestação concentrada da vingança em es-

tado puro? Neste caso, a desesperada impotência dos árabes diante da ocupação militar que os EUA mantêm na maioria dos países do Oriente Médio há décadas. Num mundo em que produzimos e reproduzimos, compulsoriamente, as condições de nossa própria autodestruição, todos nos sentimos impotentes diante do curso insustentável e incontrolável do “desenvolvimento”. Enquanto não formos capazes de tomarmos, em nossas mãos, as rédeas da história, o sentimento de impotência tende a gerar a irresponsabilidade generalizada perante tudo o que não diga respeito diretamente a nossos interesses individuais. O nome disso é barbárie.

**IHU On-Line - A partir disso, poderíamos dizer que a vingança se contrapõe ao conceito de vida em Nietzsche<sup>1</sup>?**

**Rodrigo Dantas** - A vida para Nietzsche é, antes de tudo, manifestação transbordante da potência inerente ao ato de existir; a vingança e o ressentimento são as manifestações mais concretas da impotência - e neste sentido, a forma suprema do desespero e a mais contundente negação da própria vida.

**IHU On-Line - O que é exatamente o espírito de vingança ao qual esse filósofo se refere? Como esse espírito se apresenta em nossa sociedade?**

**Rodrigo Dantas** - O que Nietzsche chama espírito de vingança é a manifestação concentrada do sentimento de impotência, ressentimento e desespero que tantas vezes se apodera daqueles a quem a própria vida é negada. A vingança é muito distinta da rebeldia e da indignação: ela é a sua forma degradada, negativa e destrutiva. A rebeldia e a indignação podem levar à ação que transforma a existência. A vingança leva apenas à negação e à destruição. Em nossa sociedade, a forma mais concentrada e caricatural da vingança é o terrorismo. Qual o resultado do terrorismo? A exacerbação da própria violência contra o qual o terrorismo pretende se voltar e a formação de um círculo vicioso que, caso não seja rompido, pode levar a humanidade à autodestruição.

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004, intitulada *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada "Nietzsche e Paulo", disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - Em que medida o espírito de vingança cria ou fortalece uma concepção niilista de vida, de negação, de ressentimento, de não poder esquecer e afirmar o que aconteceu?**

**Rodrigo Dantas** - O espírito de vingança é niilista por natureza: ele representa a negação da negação, que se converte em ressentimento, impotência e vingança. O problema aqui não está em esquecer ou afirmar o que aconteceu, o que não passaria de uma reiteração resignada, conformista e autoalienada da violência predominante: a questão central é como responder positivamente à violência sistematizada e institucionalizada, que representa a negação real da vida para a maioria dos seres humanos, com uma ação que faça da rebeldia e da indignação o ponto de partida afirmativo para a construção de uma sociedade em que o direito à vida plena para todos se torne o objetivo central da humanidade.

**IHU On-Line - Como é possível manter a memória sem fazer com que ela se converta em revanchismo, vingança ou mesmo ressentimento?**

**Rodrigo Dantas** - A memória só se converte em ressentimento e vingança ali onde o sentimento de impotência prevalece. Em nossos tempos, há uma operação reacionária em curso que visa o "apagamento" da memória: uma vez rompida qualquer conexão entre o sujeito e sua história, trata-se agora de liquidar a própria história. A memória não pode permanecer como memória encerrada sobre si mesma: para não sucumbir à sua impotência, é preciso que ela se converta em interpretação, em interpretação da história de que somos o resultado. Mas esta interpretação também não pode permanecer encerrada sobre si própria: é preciso que ela esteja conectada a um projeto e uma atividade histórica cujo objetivo compartilhado e consciente seja criar as condições para que os sujeitos possam gerir, de forma socialmente automediada, as condições de sua própria existência.

**IHU On-Line - Filosoficamente, qual é a fundamentação que explica o fato dos seres humanos se comprazerem em fazer o mal, em se vingar e ver**

**sofrer?**

**Rodrigo Dantas** - Os seres humanos não podem ser metafisicamente reduzidos a nenhuma essência que lhes preceda ou que possa ser afirmada unilateralmente como a "natureza humana". O prazer em fazer o mal, em subjugar, em oprimir, em violentar, só pode prevalecer e prosperar impunemente enquanto vivermos numa sociedade fundada em relações de força, poder, dominação e exploração. Há hoje uma consciência cada vez mais generalizada dos direitos universais dos seres humanos, mas esta consciência ainda não foi capaz de se traduzir na realidade concreta. O grande desafio histórico que nos é colocado poderia ser resumido assim: como traduzir esta forma da consciência numa sociedade que já não seja dominada por relações de força, poder, dominação, exploração e opressão? Como construir uma sociedade para além do domínio despótico do capital sobre a vida, em que o ser humano possa se tornar um fim para si mesmo?

**IHU On-Line - Nesse contexto, qual é o sentido de se falar em perdão? E como é possível perdoar sem recair num agir negativamente piedoso, que gera culpa, má consciência e dependência?**

**Rodrigo Dantas** - O perdão pode ser uma manifestação conformista de resignação e impotência, e neste sentido dele nada podemos esperar. Ele sempre foi uma alternativa para a vingança, mas ambos permanecem no mesmo campo, como manifestações opostas da mesma impotência.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Rodrigo Dantas** - Para além da vingança e do perdão, sentimentos reativos dos quais nada podemos esperar, seria preciso reinventar a vida, de modo que a sociedade, para além do domínio histórico do capital, possa reorganizar-se para colocar o imenso desenvolvimento das forças produtivas a serviço da satisfação das necessidades humanas e da criação de um mundo em que o tempo livre disponível para todos seria a medida de todo valor e de toda riqueza e o objetivo central do processo de produção social da vida.

## O Holocausto e o dever da memória

Precisamos lembrar do que aconteceu sem recair numa atitude de vitimização que expresse masoquismo, valorizando o sofrimento, pondera o psicanalista Abrão Slavutzky. Em sua opinião, a humanidade é mais louca do que podemos supor

POR MÁRCIA JUNGES E MARIO CORSO

**A**nalizando o Holocausto e suas conexões com a vingança, o Mal em si, a memória e vingança, o psicanalista Abrão Slavutzky pontua que “a humanidade é mais louca do que conseguimos imaginar, porque, na verdade, o *homo* não é só *sapiens*, mas é *homo demens* também”. Segundo ele, preferimos falar que a crueldade é desumana, porque nos choca compreendê-la como um fenômeno humano. “Já a vitimização é a expressão do masoquismo, é a valorização do sofrimento, logo uma expressão da pulsão de morte. Quando se dramatizam as dores, o sentimento de vítimas, se cai numa atitude passiva diante do destino, diante do outro. O desafio é sair deste lugar para uma atitude ativa de luta por um espaço independente, um espaço construtivo”, pontua. Por outro lado, Slavutzky assinala que é fundamental mantermos a memória, aquela “obrigação bíblica de não esquecer”. Tecendo relações entre a fé e o processo de perdão e superação do Mal, afirma: “A fé deveria ser pensada não só como uma questão religiosa, mas como uma necessidade do ser humano de manter a ilusão”, fantasia que alivia a dor, ainda que não resolva a questão existencial. E conclui: “Depois do que ocorreu, como se pode sustentar que o homem foi feito à imagem e à semelhança divina, como consta na Bíblia? O problema da identidade judaica e alemã mudou com o nazismo, mas também a imagem que se fazia do ser humano”. As ideias fazem parte da entrevista, a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**.

Abrão Slavutzky é psicanalista e médico psiquiatra com formação em Buenos Aires. Graduou-se em medicina em 1971, na Fundação Católica de Medicina do Rio Grande do Sul. Desde 2001, é colaborador do jornal Zero Hora e de diversas revistas. Entre outros, é autor de *Quem pensas tu que eu sou?* (São Leopoldo: Unisinos, 2009) e *Psicanálise e cultura* (Rio de Janeiro: Vozes, 1983). Alguns dos livros que organizou são *O Dever da Memória- O Levante do Gueto de Varsóvia* (Porto Alegre: AGE, 2003) e *A paixão de ser - depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como é possível manter a memória do que aconteceu no Holocausto sem que isso seja fonte de sofrimento para quem se sente envolvido? Ou seja, existe uma outra maneira de olhar para aquele horror sem que se diminua a sua importância de forma que possamos seguir tirando lições e não repeti-lo?**

**Abrão Slavutzky -** Muitos historiadores enfatizam que o Holocausto foi único na História dos povos, pois o nazismo visou à eliminação do Povo Judeu não por motivos econômicos, geográficos, militares, mas simplesmente por se-

rem judeus. Cada vez que se lê sobre os campos de extermínio, se vai a um museu sobre o Holocausto, ou se vê um filme, o sofrimento pode ocorrer de repente. Ficar diante do que se passou sem sofrer não é fácil, mas a segunda parte da pergunta abre a questão do que se pode aprender com a tragédia que exterminou seis milhões de judeus, milhares de ciganos e homossexuais. Perceber o quanto a ingenuidade frente à crueldade pode facilitar a ação dos assassinos. Por outro lado, descobrir como, no meio da violência, houve milhares de pessoas

que arriscaram suas vidas para salvar os condenados à morte. Impressiona a leitura do que foi criado nos tempos de guerra quanto ao humor, à manutenção da espiritualidade, à solidariedade e à resistência armada.

**IHU On-Line - Aliás, todos os anos se publicam livros sobre este tema... É um assunto recorrente.**

**Abrão Slavutzky -** Li, neste ano, por exemplo, *Quem escreverá nossa História - os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009), de Samuel Kassow.

O livro conta como o historiador Emanuel Ringelblum<sup>1</sup> organizou um grupo que se reunia todos os sábados à tarde, em péssimas circunstâncias, para distribuir tarefas que constituíram os arquivos secretos que foram enterrados e descobertos depois do fim da guerra. Conheci este historiador ao ler seu livro *Crônicas do gueto de Varsóvia* (Lisboa: Livraria Moraes, 1964), ao escrever o meu *O Dever da Memória*, sobre o levante do gueto de Varsóvia. O livro de Kassow impressiona pelo relato do esforço das pessoas em historiar o cotidiano de quinhentas mil pessoas fechadas em dois km quadrados.

**IHU On-Line - Como é possível diferenciar o dever de mantermos a memória de uma simples vitimização?**

**Abrão Slavutzky** - Todos os anos, em Auschwitz,<sup>2</sup> desde 1988, se bem me lembro, ocorre a Marcha da Vida, na qual se reúnem milhares de pessoas, de todo o mundo, para caminharem de Auschwitz até Birkeneau. Durante a Segunda Guerra, esse caminho ficou conhecido como a marcha da morte, isto é, os judeus faziam este trajeto até o campo de extermínio para morrer nas câmaras de gás. Ora, essa Mar-

“Sim, porque preferimos dizer que a crueldade é desumana, já que ficamos chocados em pensá-la como humana. O homem ataca seus semelhantes de forma mais impiedosa que os animais que matam para comer”

cha da Vida é uma forma de recordar os mortos, mas também de reafirmar a vida, reafirmar a dignidade humana frente à crueldade. No ano passado, saiu um livro com fotos e pesquisas cujo título é, justamente, *A Marcha da Vida* (Opeca, 2009), de autoria de Marcio Pitliuk.

Já a vitimização é a expressão do masoquismo, é a valorização do sofrimento, logo uma expressão da pulsão de morte. Quando se dramatizam as dores, o sentimento de vítimas, se cai numa atitude passiva diante do destino, diante do outro. O desafio é sair deste lugar para uma atitude ativa de luta por um espaço independente, um espaço construtivo. Lembro um trabalho do psicanalista Renato Mezan<sup>3</sup> *Os que não foram heróis: sobre a submissão dos judeus ao terror nazista em que ele estuda temas como a submissão, o terror, a ilusão e a alienação ocorridas durante o nazismo.*

<sup>3</sup> Renato Mezan: filósofo e psicanalista brasileiro, professor no departamento de Psicologia Social da PUC-SP. Escreveu, entre outros, *Freud, pensador da cultura* (6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997), *Figuras da Teoria Psicanalítica* (São Paulo: EDUSP/Escuta, 1995), *Escrever a Clínica* (2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000) e *A Vingança da Esfinge* (3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002). Confira a edição 179 da Revista IHU On-Line, de 08-05-2006, intitulada *Sigmund Freud - o mestre da suspeita*, na qual Mezan concedeu a entrevista *A invenção da situação terapêutica*. O material está disponível em <http://migre.me/s7X3>. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Quais são as origens do mal no ser humano? Somos maus por essência?**

**Abrão Slavutzky** - Quantos livros já foram escritos sobre o mal ao longo dos séculos desde as mais variadas perspectivas! Creio que o mal não é o pior problema da humanidade, mas sim o da crueldade, o mal absoluto, o mal pelo mal em si. O último livro escrito por Primo Levi<sup>4</sup> foi *Afogados e Sobreviventes* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990), no qual ele faz um balanço final de sua passagem como preso em Auschwitz. Há um capítulo sobre a violência inútil, no qual enfatiza o que foi a crueldade que viu, uma violência sem outro propósito a não ser o de fazer o mal ao outro. Ele questiona o que é mesmo o homem, quem é esta humanidade, por que tanta maldade. O mesmo tema é analisado no livro autobiográfico de Edgar Morin,<sup>5</sup> *Meus Demônios* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997), cujo capítulo final é sobre as origens da crueldade no mundo. A mesma preocupação teve Jacques Derrida<sup>6</sup> no fim de sua vida, quando

<sup>4</sup> Primo Levi (1919-1987): judeu italiano, um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, o campo de concentração onde milhões de prisioneiros, judeus como ele, foram assassinados pelos nazistas. Sobreviveu para regressar a Turim, sua cidade-natal, e escrever um dos mais extraordinários e comovidos testemunhos dos campos de extermínio nazista. Em seu primeiro e mais impressionante livro, *Se questo è un uomo* (*Se isto é um homem*), escrito em 1947, Levi relata o ano que passou em Auschwitz. Em 1963, Primo Levi publica seu segundo livro, *A Trégua*, em que narra os últimos dias em Auschwitz, após os nazistas terem abandonado o campo, e sua viagem de volta para casa, na Itália. Seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes*, é publicado em 1986. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Edgar Morin: sociólogo francês, autor da célebre coleção *O Método*. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre *O Método*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (São Paulo: Bertrand do Brasil, 2001). (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência,

sustenta que esse enigma ainda está mal estudado.

**IHU On-Line - No seu livro *Quem pensa tu que eu sou*, editado pela Unisinos no ano passado, há um capítulo cujo título é “A crueldade é humana”. O que explora nesse trecho?**

**Abrão Slavutzky** - Sim, porque preferimos dizer que a crueldade é desumana, já que ficamos chocados em pensá-la como humana. O homem ataca seus semelhantes de forma mais impiedosa que os animais que matam para comer. Imaginar a civilização como enferma não é uma ideia agradável. O poeta Fernando Pessoa,<sup>7</sup> apesar de seu otimismo na famosa frase “Tudo vale a pena se a alma não é pequena” escreveu uma quadra sombria pouco conhecida:

*A vida é um hospital  
Onde quase tudo falta  
Por isso ninguém se cura  
E morrer é que é ter alta.*

A humanidade é mais louca do que conseguimos imaginar, porque, na verdade, o *homo* não é só *sapiens*, mas é *homo demens* também.

**IHU On-Line - Qual é a especificidade da resistência judaica no levante do gueto de Varsóvia? Como seus protagonistas tinham pouca esperança de sobrevivência, seria uma aposta na memória do povo judeu como um coletivo corajoso? Como o senhor**

ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8bA>. (Nota da IHU On-Line)

**7 Fernando Pessoa** (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde desdobrou-se em várias outras personalidades conhecidas como heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimentou grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além do fato de ser o maior autor da heteronímia. (Nota da IHU On-Line)

## “Conhecer o que ocorreu é um dever de memória da humanidade”

aborda isso em sua obra *O dever da memória - o levante do Gueto de Varsóvia?*

**Abrão Slavutzky** - O Levante do Gueto de Varsóvia foi a primeira resistência civil organizada contra o exército alemão durante a Segunda Guerra mundial. O mundo fala muito nesta história porque mil jovens, mais ou menos, quase sem armas, resistiram a tanques e metralhadoras do exército alemão durante três semanas. No manifesto que lançou o ZOB, as siglas da Organização dos combatentes judeus, em janeiro de 1943, está escrito: “Se somos muito fracos para defender nossas vidas, somos fortes para defender a honra judaica e o valor humano”. O que estava em jogo era a dignidade diante da morte, pois a opção era morrer lutando, tentando sobreviver - e de fato houve sobreviventes -, ou morrer nas câmaras de gás. Todos sabiam no Gueto que os trens levavam os prisioneiros para Treblinka<sup>8</sup> e que lá eram assassinados com gás Zyklon B<sup>9</sup> que saíam de falsas duchas. O trabalho de relatar a história do Levante me levou a rever a situação da Europa entre as duas guerras mundiais e perceber, como nem Freud<sup>10</sup> imaginou, o

**8 Treblinka:** quarto dos campos de extermínio, onde os judeus foram mortos em câmaras de gás alimentadas por motores a explosão. Esta localizada nos arredores da cidade de Treblinka, Polônia. Também foi o primeiro campo onde ocorreu a cremação dos cadáveres a fim de ocultar o número de pessoas mortas. (Nota da IHU On-Line)

**9 Zyklon B:** marca registrada de um pesticida a base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio, que foi utilizado pelos nazistas como veneno no assassinato em massa por sufocamento nas câmaras de gás. Era ativado em contato com o ar. Seu nome deriva dos substantivos alemães dos ingredientes principais e a letra B, uma de suas diferentes concentrações. Este composto foi escolhido por proporcionar uma morte rápida e eficaz. Nos campos de concentração, o Zyklon B foi inicialmente usado para desinfestar piolhos e evitar o tifo. Em setembro de 1941, as primeiras experiências foram realizadas no campo de concentração de Auschwitz para testar o assassinato de humanos com o veneno. (Nota da IHU On-Line)

**10 Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e

grau de loucura que estava por ocorrer. Em 1933, quando seus livros foram queimados junto aos de autores como Marx, Thomas Mann<sup>11</sup> e tantos mais, em Berlim, na praça em frente à universidade, e em outras cidades, ele disse que, se fosse na Idade Média, ele seria queimado numa fogueira, enquanto que naquela ocasião só queimavam seus livros.

**IHU On-Line - Por que razão escreveu esse livro?**

**Abrão Slavutzky** - Mas esta é uma pergunta psicanalítica! Qual teria sido meu desejo inconsciente nesta iniciativa? Durante toda vida escutei meu pai dizendo que o passado ainda é o passado. Esta frase ele pronunciava para concluir nossas conversas, e eu ficava quieto, sem entender muito bem o que ele queria mesmo dizer. Com o tempo, fui me interessando por História em geral, não só a judaica, e ao fazer este livro, dava razão ao meu pai sobre a importância do passado. Na adolescência, estive em Israel e pude conhecer uma sobrevivente do Gueto, que pronunciou uma conferência sobre o que foi o dia-a-dia da resistência.

fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jf>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8ju>. (Nota da IHU On-Line)

**11 Thomas Mann** (1875 - 1955): romancista alemão, considerado como um dos maiores do século XX. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich. Ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks* (*Buddenbrooks*), romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da IHU On-Line)

Ela falou com muito sentimento e dor, pois fizera parte da direção do ZOB e foi escolhida para sair do gueto pelos esgotos com a missão de contar o que ocorrera nas batalhas. Essa função de dar testemunho se ligou à ordem paterna: o passado ainda é o passado, da importância da memória, da obrigação bíblica de não esquecer. O livro foi, portanto, uma forma de cumprir um mandamento de não esquecer, e o fiz com satisfação, mas inquieto, porque ler detalhes de tudo que ocorreu naquela época é sofrido por mais que os anos tenham passado.

**IHU On-Line - Diz-se que a história sempre é o relato dos vencedores. O que fazer no caso do Holocausto, no qual ambos os lados perderam: os alemães, a guerra; e os judeus e outros grupos exterminados, a vida e a maior parte da sua identidade?**

**Abrão Slavutzky** - Nas últimas décadas, os historiadores escrevem não só a história dos vencedores, mas também a dos que perderam, como a história dos índios americanos, dos negros escravos e outras minorias aplastadas pelos donos do poder. Na Segunda Guerra Mundial, o nazismo foi derrotado, mas não erradicado. Os judeus perderam boa parte do mundo cultural em idische e um terço da sua população mundial. Entretanto, depois da guerra, ele conseguiu se reerguer em Israel e no mundo. Logo, conhecer o que ocorreu é um dever de memória da humanidade.

A tragédia do nazismo segue sendo motivo de estudos e da arte, afinal, um trauma desta magnitude não é fácil de se resolver em poucas décadas. A guerra envolveu não só o povo alemão e o povo judeu, mas todos os povos, é uma ferida narcisista na imagem da civilização. Depois do que ocorreu, como se pode sustentar que o homem foi feito à imagem e à semelhança divina, como consta na Bíblia? O problema da identidade judaica e alemã mudou com o nazismo, mas também a imagem que se fazia do ser humano.

**IHU On-Line - Como interpreta os filmes *Bastardos Inglórios* e *Invictus* no que diz respeito à forma com que**

**“Quem se acostuma a ser maltratado passivamente fica se sentindo um covarde e pode desenvolver uma perversão na qual se deixa agredir desde que se sinta amparado pelo agressor”**

**suas histórias lidam com a questão da vingança, no primeiro caso, e de sua transcendência, no segundo?**

**Abrão Slavutzky** - *Bastardos Inglórios* é uma ficção, filme que começa muito bem e, aos poucos, perde força, especialmente no final, mas que traz à tona uma vingança que nunca ocorreu na realidade. Essa obra expressa o prazer da vingança. Heinrich Heine,<sup>12</sup> poeta e jornalista alemão, judeu que se converteu e se arrependeu, disse que não sentia raiva de seus inimigos. Só desejava que ao final da vida pudesse descansar e olhar, no horizonte, várias árvores onde estivessem dependurados todos seus adversários. Quem se acostuma a ser maltratado passivamente fica se sentindo um covarde e pode desenvolver uma perversão na qual se deixa agredir desde que se sinta amparado pelo agressor. Por outro lado, a vingança faz parte da história dos seres humanos, ela tem sua lógica baseada na coragem e astúcia. Mas *Invictus*, filme baseado numa história real, revela o líder negro Nelson Mandela,<sup>13</sup>

12 Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856): poeta romântico alemão, conhecido como “o último dos românticos.” Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a sua obra de juventude, foi musicada por vários compositores notáveis como Robert Schumann, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Brahms, Hugo Wolf, Richard Wagner e, já no século XX, por Hans Werner Henze e Lord Berners. (Nota da IHU On-Line)

13 Nelson Rolihlahla Mandela (1918): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela

da África do Sul, evitando a vingança dos brancos quando foi eleito presidente do seu país. Se houvesse tomado o caminho do ódio, teria lançado a negros e brancos em uma nova guerra. Logo, soube transcender o prazer da vingança.

**IHU On-Line - Pensando nas inúmeras produções sobre o nazismo, poderíamos dizer que esse fato histórico se tornou um paradigma do mal, com isso indo além dos povos envolvidos, e talvez por isso haja tantos filmes, como uma maneira de curar o trauma duma ferida de todo o Ocidente?**

**Abrão Slavutzky** - Para Adorno,<sup>14</sup> a ferida narcisista do que ocorreu na Segunda Guerra Mundial é definitiva, conforme escreveu no seu *Crítica cultural e sociedade* (São Paulo: Prismas, 1998): “Escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro”. Escreve, com a ressalva de que a arte não pode mais ser inocentemente alegre, o mesmo escreveu Walter Benjamin<sup>15</sup> em suas famosas *Teses sobre a História*. Logo, é preciso resistir à crueldade, como fez, por exemplo, Irena Sendler,<sup>16</sup> uma enfermeira cristã que trabalhava para o governo polonês e foi responsável por salvar 2500 crianças judias do Gueto

maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era considerado pelo governo sul-africano um terrorista. Em 1990 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, recebido em 2002. Confira, nas Notícias do Dia 27-02-2010, a notícia *O jornal do Vaticano elogia o filme Invictus*, disponível para download em <http://migre.me/s8qE>. (Nota da IHU On-Line)

14 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

15 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

16 Irena Sendler (1910-2008): conhecida como “o anjo do Gueto de Varsóvia”, foi uma ativista dos direitos humanos durante a Segunda Guerra Mundial, tendo contribuído para salvar mais de 2.500 vidas ao levar alimentos, roupas e medicamentos às pessoas barricadas no gueto, com risco da própria vida. (Nota da IHU On-Line)

de Varsóvia. Sua compaixão deveria ser conhecida pelo mundo que lhe negou o prêmio Nobel da Paz. Felizmente, há milhares de exemplos de pessoas como Irene, que ajudam a iluminar os caminhos em tempos de trevas. Eles conseguem transcender o plano da realidade, se elevam, transformam a si e aos demais e enriquecem a imagem do ser humano.

**IHU On-Line - Uma pergunta recorrente é: onde estava Deus enquanto acontecia o Holocausto? Como a fé se expressava entre aqueles que sabiam que iriam morrer?**

**Abrão Slavutzky** - Quem é Deus? Se pensarmos Deus, como fez o filósofo Espinosa,<sup>17</sup> não se deveria fazer uma pergunta destas, pois Ele não intervém diretamente na História. Os religiosos seguiram acreditando no Todo Poderoso mesmo diante da morte, aliás, morriam rezando para mostrar que nem a morte lhes tirava a fé. Li cenas de homens e mulheres que festejaram os feriados judaicos durante os anos da guerra. É possível pensar Deus como uma ideia importante para a humanidade, um amparo talvez. Esta fé resiste às guerras, às mortes e às atrocidades como uma luz de esperança. Tenho respeito pelos que tem fé no Todo Poderoso, por que não?

**IHU On-Line - Qual é o lugar da fé dentro desse processo de perdão e superação do mal?**

**Abrão Slavutzky** - A fé deveria ser pensada não só como uma questão religiosa, mas como uma necessidade do ser humano de manter a ilusão. A palavra ilusão é formada de *i* mais *ludere*, ou seja, ilusão é um jogo dentro de si na realidade psíquica que se desenvolve desde muito cedo na criança. A fé é, portanto, uma fantasia que alivia a dor, e mesmo que não resolva a questão existencial, ela pode ser decisiva. Vivi numa família que tinha fé, de cunho religioso sem ser ortodoxa, e lembro com carinho a forma como

<sup>17</sup> Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou o *Tractus Theologico-Politicus*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da IHU On-Line)

todos acreditavam num ente superior, sem dúvidas ou questionamentos. Fui marcado por esta identidade ao lado de uma atitude irreverente, questionadora, que formam um bom paradoxo.

**IHU On-Line - Existe perdão ou simplesmente esquecimento?**

**Abrão Slavutzky** - Recordo a história de uma tia que teve suas meias de nylon rasgadas, cujo responsável logo lhe pediu desculpas. Ela disse que desculpa, desculpa, mas o buraco na meia ficou. É difícil perdoar quem nos feriu profundamente, bem mais do que uma simples meia rasgada. Mas, se alguém mantém o ódio, através do ressentimento, se empobrece. É o que se pode constatar no romance *As Brasas de Sándor Marái*, que trata da história de uma amizade, em que um general aposentado sofreu durante 41 anos com a traição do grande amigo, que teve um romance com sua esposa. Triste é a condição de quem vive ressentido, com o outro, com a vida, consigo, pois sofre sempre. Quem sabe poderia se pensar não só em perdão ou em esquecimento, mas também em transcendência, em reparação, em justiça e tolerância.

**IHU On-Line - Como foi possível ocorrer o Holocausto em pleno século XX no coração da Europa?**

**Abrão Slavutzky** - O espanto desta pergunta é necessário para estudar como o antissemitismo é maior do que se imagina. O preconceito contra os judeus, o que muitos chamam de judeofobia, uma fobia, um medo aos judeus, tem dois mil e quinhentos anos de história. Começou no helenismo e se desenvolveu no Cristianismo com as Cruzadas e a Inquisição, que durou vários séculos. No século XIX, o ódio religioso aos judeus se transformou numa questão política, no qual o caso Dreyfus foi um sintoma desta nova forma de agressão. Os judeus foram o bode expiatório de tudo de ruim que havia na humanidade, os assassinos de Cristo, que por sinal nasceu judeu e morreu judeu, e tantas mentiras mais que marcaram a civilização ocidental. O nazismo teve nos judeus seu inimi-

go principal, como expressou Hitler no seu derradeiro discurso pouco antes da derrota, em 1945. A obra *LTI - a linguagem do Terceiro Reich* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2009), de Victor Klemperer,<sup>18</sup> um linguista que viveu na Alemanha durante a guerra, descreve como o nazismo penetrou na carne e sangue das pessoas pelas palavras, frases, discursos, que o mal era o bem. O poder autoritário fez o povo alemão um povo obediente e submisso. Muito ainda temos a aprender sobre o fascínio que despertam as ditaduras. O historiador Richard Overy,<sup>19</sup> em seu livro *Os Ditadores: a Rússia de Stálin e a Alemanha de Hitler* (Venda Nova: Bertrand Editora, 2005), estuda o nazismo e o estalinismo, em suas semelhanças e diferenças, sistemas construídos durante vários anos, que seduziram as massas e convenceram artistas, cientistas, professores universitários e juizes. Para quem deseja conhecer mais o que ocorreu na Segunda Guerra Mundial, sugiro não só livros e filmes, mas a visita pela Internet dos museus como o Yad Vashem,<sup>20</sup> em Jerusalém, e o Museu Judaico, em Berlim.

<sup>18</sup> Victor Klemperer (1881-1960): professor universitário de filologia românica na Universidade de Dresden até que foi demitido de suas funções em 1935, dois anos depois da chegada ao poder de Hitler. Foi um dos poucos habitantes de Dresden de origem judaica que sobreviveram ao Holocausto sem terem fugido para a Palestina, os Estados Unidos ou outros refúgios. Klemperer tornou-se famoso pelo diário que ele manteve relatando a sua vida em Dresden nos anos do nazismo, um período crítico da história da Alemanha. Trata-se de um documento histórico de grande valor, no qual podemos hoje ler detalhadamente as chicanas, os insultos, as cuspidelas na cara, proibições, prisão, o roubo da sua propriedade e outras humilhações que as autoridades nazistas e a grande massa dos seus compatriotas "arianos" lhe infligiram pessoalmente todos os dias. (Nota da IHU On-Line)

<sup>19</sup> Richard Overy (1947): historiador britânico que publicou inúmeras obras sobre a história da Segunda Guerra Mundial e o Terceiro Reich. (Nota da IHU On-Line)

<sup>20</sup> Yad Vashem: do hebraico, a "Autoridade de Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto", memorial oficial de Israel para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto. Foi estabelecido em 1953 através da Lei Yad Vashem passada pela Knesset, o Parlamento de Israel. Localizado no sopé do Monte Herzl, no Monte da Recordação (Har HaZikaron), em Jerusalém, Yad Vashem é um complexo de cerca de 18 hectares. (Nota da IHU On-Line)

## A vingança nas culturas indígenas

Analisando o canibalismo entre as culturas indígenas, o antropólogo Julio Cezar Melatti explica que nem sempre este se realiza por vingança, e que a vingança nem sempre se consoma em canibalismo. Eucaristia é espécie de canibalismo por amor

POR MÁRCIA JUNGES

Os motivos que impulsionam os povos à vingança variam de acordo com as culturas. Pode ser “desde uma palavra ofensiva, a recusa a uma proposta amorosa, até um homicídio. A vingança pode ser exercida por atos de feitiçaria ou pela violência física”. A explicação é do antropólogo Julio Cezar Melatti, na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Ele prossegue: “Nem toda vingança se consoma em canibalismo, e nem todo canibalismo se faz por vingança. O canibalismo também se faz por amor. O exemplo entre nós seria a Eucaristia. Entre os índios seria o consumo de carne e ossos de parentes, falecidos por morte natural e cremados, como se faz entre os ianomâmis e se fazia entre os índios panos do sudoeste da Amazônia”. Melatti destaca que os índios marubos, assim como outros “falantes de línguas da família pano, cremavam os seus mortos e pulverizavam os ossos calcinados, misturando-os a um mingau, que comiam. Não comiam os inimigos”.

Melatti é graduado em Geografia e História pela Universidade Católica de Petrópolis - UCP, especialista em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e doutor em Ciência Social pela Universidade de São Paulo - USP - com a tese *O sistema social Krahó*. Cursos pós-doutorado pela Smithsonian Institution, nos Estados Unidos. Professor emérito do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), é autor de *Índios do Brasil* (Brasília: Coordenada, 1970), *O Messianismo Krahó* (São Paulo: Herder, 1972) e *Ritos de uma Tribo Timbira* (São Paulo: Ática, 1978). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Antropologicamente, nas diferentes culturas, a vingança é um comportamento comum?**

**Julio Cezar Melatti** - Acredito que sim, embora haja diferenças no modo de exercê-la e também na consideração dos atos que a provocam.

**IHU On-Line - Por que o ser humano se vinga?**

**Julio Cezar Melatti** - Suponho que a vingança se pautar pelos princípios da reciprocidade, que regem a troca de presentes, favores, alianças matrimoniais, trocas comerciais. A vingança pode ser substituída pela indenização, que, na Idade Média, era proporcional à distância genealógica do credor com a vítima, conforme exemplos dados por Radcliffe-Brown<sup>1</sup> na sua clássica

<sup>1</sup> Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881-

*Introdução aos “Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento”* (Petrópolis: Vozes, 1973). Naquelas sociedades em que não há procedimentos judiciais isentos de envolvimento com as partes ofensora e ofendida, talvez a vingança seja o único modo de reparação.

**IHU On-Line - E nas culturas indígenas, como se apresenta a vingança?**

**Julio Cezar Melatti** - Como disse, os motivos que levam à vingança variam segundo as culturas, e podem ser os mais diversos, desde uma palavra ofensiva, a recusa a uma proposta amorosa, até um homicídio. A vingança pode ser exercida por atos de feitiçaria ou

1955): cientista social britânico, considerado um dos maiores expoentes da antropologia, tendo desenvolvido a teoria do funcionalismo estrutural. (Nota da IHU On-Line)

pela violência física.

**IHU On-Line - Qual é a relação entre vingança e canibalismo?**

**Julio Cezar Melatti** - Não há necessariamente um vínculo entre uma coisa e outra. Nem toda vingança se consoma em canibalismo, e nem todo canibalismo se faz por vingança. O exemplo entre nós seria a Eucaristia. Entre os índios seria o consumo de carne e ossos de parentes, falecidos por morte natural e cremados, como se faz entre os ianomâmis e se fazia entre os índios panos do sudoeste da Amazônia.

**IHU On-Line - Como esse binômio se apresenta entre os tupinambás, que praticavam o canibalismo como vin-**

## gança e quase devoraram o viajante e militar alemão Hans Staden?

**Julio Cezar Melatti** - Hans Staden<sup>2</sup> jogou com a dúvida dos tupinambás: ele foi aprisionado como artilheiro de uma fortificação portuguesa, e, como português, deveria de morrer. Mas era fisicamente mais parecido com os franceses (e mentia aos tupinambás dizendo ser francês), e, como francês, merecia a hospitalidade. Entre os tupinambás, a criança já nascia com inimigos e crescia com uma alta probabilidade de morrer nas mãos dos inimigos. Era até preferível morrer assim do que morrer em casa e se decompor numa sepultura. O capuchinho Claude d'Abbeville,<sup>3</sup> ao sair da colônia francesa do Maranhão no início do século XVII, levou alguns índios, uns tupinambás, outros não, para a França, onde

<sup>2</sup> Hans Staden (1525-1579): aventureiro mercenário alemão. Por duas vezes passou pela América Portuguesa no início do século XVI, onde teve oportunidade de participar de combates na Capitania de Pernambuco e na Capitania de São Vicente, contra corsários franceses e seus aliados indígenas. Em sua segunda viagem, Staden partiu de Castela rumo ao Novo Mundo. Depois de violentos enfrentamentos com indígenas e passar por fortes tempestades, seu navio naufragou próximo a São Vicente. Ele e seus companheiros sobreviveram e Staden foi contratado como artilheiro pelos colonos portugueses para o Forte de São Filipe da Bertioça. Enquanto caçava sozinho, Staden foi feito prisioneiro por uma tribo Tupinambá que o conduziu a Ubatuba. Desde o início ficou claro que a intenção dos seus captores era devorá-lo. Pouco tempo depois, os tupiniquins aliados dos portugueses atacaram a aldeia onde ele era mantido prisioneiro. Mesmo cativo, e não tendo escolha, lutou ao lado dos tupinambás. Seu desejo era tentar fugir para unir-se aos atacantes. Mas, estes, vendo que a luta era inútil, logo desistiram. Pediu ajuda a um navio português e a outro francês. Ambos recusaram-se a ajudá-lo por não desejarem entrar em conflito com os índios. Foi, enfim, resgatado pelo navio corsário francês Catherine de Vetteville, comandado por Guillaume Moner, depois de mais de nove meses aprisionado. De volta à Europa, redigiu um relato sobre as peripécias em suas viagens e aventuras no Novo Mundo, uma das primeiras descrições para o grande público acerca dos costumes dos indígenas sul-americanos. O livro foi publicado em Marburgo, Alemanha, por Andres Colben em 1557. Chama-se comumente "Duas viagens ao Brasil". (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Claude d'Abbeville: religioso e entomólogo francês. Participou da expedição enviada em 1612 ao Brasil (Maranhão) pelo governo de seu país. Junto de seu amigo Yves d'Évreux, identificou e batizou com nomes indígenas diversos insetos, tais como as grandes borboletas azuis, as mutucas e os mosquitos. É autor da obra *História da missão dos padres capuchinhos na ilha de Maranhão e terras circunvizinhas*. (Nota da IHU On-Line)

“O canibalismo também se faz por amor. O exemplo entre nós seria a Eucaristia. Entre os índios seria o consumo de carne e ossos de parentes, falecidos por morte natural e cremados, como se faz entre os ianomâmis”

quase todos adoeceram e morreram. Um deles era Caripira, na verdade um prisioneiro dos tupinambás, mas muito valente e que lutava ao lado deles. Caripira agonizante tinha uns sonhos em que era atacado por uma ave negra, para os quais o missionário dava uma interpretação conforme a cosmologia cristã, algo como o medo do demônio. Mas, tratando-se de aves negras, não seriam elas urubus, e não estaria Caripira prevendo que, morrendo na França, estava destinado a se decompor, e não teria a honrada morte no pátio de uma aldeia inimiga?

**IHU On-Line - E no caso dos marubos e craôs, sobre os quais o senhor desenvolveu pesquisas, há indícios de canibalismo por vingança? Poderia comentar a respeito?**

**Julio Cezar Melatti** - Os marubos, tal como os outros índios falantes de línguas da família pano, cremavam os seus mortos e pulverizavam os ossos calcinados, misturando-os a um mingau, que comiam. Não comiam os inimigos. Os craôs não praticam qualquer tipo de antropofagia. Há um interessante artigo de Eduardo Viveiros de Castro<sup>4</sup> e Manuela Carneiro da

<sup>4</sup> Eduardo Viveiros de Castro: antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu uma entrevista à revista *IHU On-Line* nº 161, 24-10-2005, que

Cunha<sup>5</sup> em que comparam a vingança tupinambá, implacável, contínua e eterna, com a vingança craô, que, uma vez exercida, termina. Os craôs, como os demais timbiras, também têm ritos que favorecem o aplacamento de antigas divergências, como a aclamação de chefes honorários, nas relações entre aldeias, e a escolha da criança mascote (witî), nas relações dentro da aldeia.

**IHU On-Line - Que outras sociedades indígenas praticavam o canibalismo como forma de vingar algum ato cometido?**

**Julio Cezar Melatti** - Além das já referidas, tenho a lembrar a dos pacaás novos (wári), de Rondônia, que comiam não só seus parentes, deixando inclusive seus corpos se decomporem um pouco, para não sentirem prazer ao fazê-lo, mas também comiam os inimigos com toda a satisfação. Aparecida Vilaça tem dois livros sobre os wári, e, num deles, analisa o procedimento antropofágico dos mesmos.

**IHU On-Line - Como se dão os mecanismos da memória e do perdão entre os indígenas?**

**Julio Cezar Melatti** - Eu diria que, em muitos casos, a vingança não se efetiva por falta de um grupo de apoio ao vingador, como numerosos parentes. Com o tempo, a intenção de vingança se arrefece e a realização de certos ritos, como os citados, conduz os sentimentos em outra direção. Mas não há

tem como tema de capa *As obras coletivas e seus impactos no mundo do trabalho*. O título da entrevista de Eduardo Viveiros de Castro é “O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife”, disponível em <http://mi-gre.me/s9Y9>. Entre outros, escreveu *Arawete: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI, 1992), *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2002) e *Métaphysiques cannibales. Lignes d'anthropologie post-structurale* (Paris: Presses Universitaires de France, 2009). (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Manuela Carneiro da Cunha: antropóloga brasileira radicada nos Estados Unidos, onde leciona na Universidade de Chicago. Entre outros, escreveu *Negros Estrangeiros. Os Escravos Libertos e Sua Volta A África* (São Paulo: Brasiliense, 1985), *História dos índios no Brasil* (2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998) e *Enciclopédia da floresta: o Alto Juruá. Práticas e Conhecimentos das Populações* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line)

esquecimento. No final do ano passado, participei de uma banca de tese de doutorado, de Elena Welper, que tinha por tema a figura de João Tuxaua, um líder que, após o clímax do período da borracha, reuniu grupos panos dizimados e dispersos por caucheiros e seringueiros nos afluentes do rio Javari, organizando os marubos. Ele os instruiu pregando a solidariedade, a boa vontade e a abolição da violência.

**IHU On-Line - Falando das sociedades contemporâneas brancas, acredita que está havendo uma exacerbação da vingança, e do mal, inclusive? Caso sim, a que isso se deve?**

**Julio Cezar Melatti** - Quando li o livro *Homens livres na ordem escravocrata* (São Paulo: Unesp, 1997), de Maria Sylvia de Carvalho Franco,<sup>6</sup> fiquei surpreso com a frequência dos homicídios entre os sertanejos pobres (nem senhores, nem escravos), que viviam à margem do sistema escravocrata então em vigor. Talvez não haja exacerbação hoje em dia.

**IHU On-Line - Que aproximações e diferenças poderiam ser apontadas entre o tipo de vingança cometida pelos índios e aquele cometido pelo homem branco?**

**Julio Cezar Melatti** - Há diferenças culturais, mas suponho que elas não têm base no fato de ser branco ou de ser índio. A final de contas, o que é ser branco? Toda a humanidade não é indígena? Talvez se possam distinguir grupos humanos em que a vingança seja institucionalizada, e até cobrada, e outros em que, embora se exerça por iniciativa individual, não é aprovada pelos valores morais e nem pelo sistema legal.

<sup>6</sup> Maria Sylvia de Carvalho Franco: cientista social brasileira. Na edição 165 da *IHU On-Line*, de 21-11-2005, intitulada *Intérpretes do Brasil: a redescoberta do Brasil como problema*, concedeu a entrevista *Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata*, disponível para download em <http://migre.me/s95N>. A pesquisadora foi responsável pela condução da última edição do III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, quando apresentou, no dia 24-11-2006, a obra *Homens livres na ordem escravocrata* (São Paulo: Unesp, 1997). (Nota da IHU On-Line)

## Vingança, justiça e o gozo do Outro

A psicanalista Noêmia Santos Crespo analisa a vingança sob a perspectiva psicanalítica, e conclui que ela não é redentora. Lei do “olho por olho, dente por dente” resulta em gozo maligno do Outro. O resultado é uma “economia do gozo tóxica”

POR MÁRCIA JUNGES

**S**e analisarmos a vingança de um ponto de vista psicanalítico, podemos dizer que ela não é redentora, “se entendermos redenção como algo que circunscreve e limita o gozo”. A conclusão é da psicanalista Noêmia Santos Crespo, na entrevista concedida com exclusividade, por e-mail, à *IHU On-Line*. “Pelo contrário, a vingança reafirma o gozo fora da Lei, e o propaga. Supõe um Outro consistente e gozador, e reforça a alienação do sujeito a esse Outro”. Ela explica que, quando se aplica a regra do olho por olho, dente por dente, “é o gozo maligno do Outro que o vingador se permite exercer, fazendo-se instrumento do mesmo. Isso promove uma economia de gozo tóxica, mortífera, alienante. Só uma desconstrução desse Outro imaginário, suposto consistente, gozador, sem perda, pode favorecer uma liberação do sujeito. A vingança vai no sentido oposto”. A psicóloga diz que não “adianta tentar erradicar o Mal - isso já seria, paradoxalmente, um Mal. É preciso obter algum tipo de equilíbrio, de dialética tolerável, entre essas forças”. Ela acredita que perdoar seja possível e necessário, mas difícil. O perdão só se concretiza “quando se consegue subjetivar a falta do Outro, sua inconsistência, seu vazio”.

Noêmia dos Santos Crespo é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre pela Fundação Getúlio Vargas e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutora em Psicologia Clínica PUC-Rio com a tese *Modernidade e declínio do pai: a resposta psicanalítica* (Vitória: EDUFES, 2003). É docente na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a conexão que existe entre justiça, vingança e o gozo do Outro?**

**Noêmia Crespo** - Justiça pode ser entendida de diversas formas. Trata-se da observância das leis, escritas ou não escritas, da pólis; ou ainda, respeito às tradições de um grupo; submissão às regras sociais de reciprocidade que regem a economia das trocas, dom e contradom (ver, a esse respeito, a obra de Marcel Mauss).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Marcel Mauss: refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamen-

Nas sociedades ditas modernas, espera-se que o Estado detenha o mo-

tos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada na *IHU On-Line*, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://migre.me/s99D>. O pensamento de Mauss foi o tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento Alternativas para outra economia, em 10-10-2006. (Nota da IHU On-Line)

nopólio da violência e que distribua justiça. Isto acontece de forma im-perfeita, especialmente, em nações marcadas por grandes disparidades de acesso à renda, riqueza, oportunidades, educação, como é o caso da nação brasileira. Essa própria disparidade, num contexto cultural dominado pelos ideais de igualdade modernos (pós-Revolução Francesa), tende a ser percebida como uma injustiça.

De um ponto de vista psicanalítico, pode-se entender Justiça como a incidência da Lei sobre o campo do Outro. Este Outro é o lugar onde a necessidade de cada sujeito em formação vem a ser cifrada pela palavra, transformando-se em demanda. Trata-se de um lugar abstrato (código, linguagem), e, ao mesmo tempo, encarnado em outros significativos (mãe, pai, suplentes), que promovem a chamada “socialização primária” do *infans*. Mais tarde, esse Outro “se expande”. Passa a ter outros nomes e vestimentas: é a Vida, é Deus, é o Destino... Instância abstrata à qual cada um referencia sua demanda, implicitamente, quando a formula.

### Subjetivação da Lei

É importante frisar que esta incidência da Lei sobre o campo do Outro pode não ser subjetivada para alguns - o que configura psicose. Mesmo quando a Lei é subjetivada como algo que barra o Outro, isso é sempre “nãotodo”. Algo sempre escapa ao império da Lei, e o desejo do Outro é um enigma potencialmente insubmisso a qualquer norma. Para alguns, mesmo quando há alguma subjetivação da Lei, este enigma - aquilo que, do Outro, permanece desconhecido em termos de desejo - é “sentido” como gozo ou vontade de gozo do Outro, o que resulta insuportável.

Experiências de dano percebidas como humilhação, o popular “esculacho”, entram nesta rubrica. São vividas como foco de um gozo maligno do Outro extraído à custa do sujeito que as padece. A demanda de justiça responde a isso, buscando refrear esse gozo suposto ao Outro pela Lei. A demanda de vingança responde a isso

**“Não adianta tentar erradicar o Mal - isso já seria, paradoxalmente, um Mal. É preciso obter algum tipo de equilíbrio, de dialética tolerável, entre essas forças”**

buscando retaliação, que permanece no registro do gozo; reafirma o gozo e o propaga, ao invés de limitá-lo. “Isso goza”, quer encarnado no autor da primeira injúria, quer encarnado naquele que a revida. Em alguns casos, isso pode gerar um encadeamento de vinganças e contravinganças capaz de atravessar gerações inteiras, sem jamais encontrar qualquer pacificação. Há um belo filme brasileiro que ilustra muito bem este processo. Chama-se *Abril Despedaçado*.<sup>2</sup> Recomendando-o.

**IHU On-Line - Analisando do ponto de vista psicanalítico, a vingança é redentora? Por quê?**

**Noêmia Crespo** - De um ponto de vista psicanalítico, a vingança não é “redentora”, se entendemos redenção como algo que circunscreve e limita o gozo. Pelo contrário, a vingança reafirma o gozo fora da Lei, e o propaga. Supõe um Outro consistente e gozador, e reforça a alienação do sujeito a esse Outro.

**IHU On-Line - Em que medida a vingança é um reflexo do mal que habita o ser humano?**

**Noêmia Crespo** - Isso é bem evidente. Freud observou que existe satisfação no mal naquilo que viola o princípio do prazer. A pulsão de morte é ineliminável e faz confinar com sofrimento a 2 Abril Despedaçado: filme de co-produção brasileira, francesa e Suíça, de 2001, dirigido por Walter Salles e baseado no romance *Prilli i Thyer* de Ismail Kadare, adaptado por Karim Ainouz. Em 1910, no sertão brasileiro, vive um jovem de vinte anos que passa a ser estimulado pelo pai para vingar a morte de seu irmão mais velho, assassinado por uma família rival, que ele só poderá matar, quando a blusa que seu irmão mais velho estava quando morreu, amarelar. (Nota da IHU On-Line)

busca por mais gozar - quer este sofrimento seja extraído do sujeito sobre seu próprio corpo, quer sobre o corpo de um outro.

Quando se pratica a regra do “olho por olho, dente por dente”, é o gozo maligno do Outro que o vingador se permite exercer, fazendo-se instrumento do mesmo. Isso promove uma economia de gozo tóxica, mortífera, alienante. Só uma desconstrução desse Outro imaginário, suposto consistente, gozador, sem perda, pode favorecer uma liberação do sujeito. A vingança vai no sentido oposto.

**IHU On-Line - Quais seriam algumas das formas sutis do mal em nosso mundo, hoje?**

**Noêmia Crespo** - No mundo de hoje, as formas do Mal estão, como sempre, mescladas com as formas do Bem. Eros e pulsão de morte são inelimináveis e inextricáveis. Não adianta tentar erradicar o Mal - isso já seria, paradoxalmente, um Mal. É preciso obter algum tipo de equilíbrio, de dialética tolerável entre essas forças.

**IHU On-Line - Comparativamente aos primeiros séculos da história, a vingança mudou de “cara”? Quais são as peculiaridades da vingança do homem do século XXI?**

**Noêmia Crespo** - A vingança pode ter mudado de “cara” na atualidade; pode assumir, por exemplo, um dialeto “científico”. Assim, um governo pode atribuir o Mal a algum tipo de essência biológica, a um determinismo genético, racial ou outro, e tentar promover a segregação ou eliminação do Mal, segregando ou eliminando os supostos “maus” de “nascença”. Mas disso, o que resulta é o pior.

**IHU On-Line - O advento do declínio do pai e do delírio de autonomia contemporâneos tem alguma relação com a proliferação da intolerância ao Outro e também do mal e da vingança? Por quê?**

**Noêmia Crespo** - A vingança não é incompatível com o autoritarismo de tipo patriarcal. O pai primevo do mito freudiano, afinal, é uma figura do gozo vingativo. Sociedades organizadas sob

a égide do pai podem ser amplamente reguladas pela Lei de Talião - “olho por olho, dente por dente” - que tem origem na civilização judaica. A vingança “científica” da atualidade, esta sim, parece prescindir de qualquer referência a um pai. Mas isso não parece torná-la menos devastadora.

**IHU On-Line - Como compreender que habitam no mesmo ser humano o mal e laivos de bondade? A convivência social nos “contamina” ou temos uma irresistível tendência a fazer sofrer?**

**Noêmia Crespo - É preciso superar o maniqueísmo tradicional e entender que Eros e Pulsão de Morte supõem um ao outro na teoria freudiana. Freud sempre foi dualista, por perceber que a condição humana é conflitiva, inquieta e indomável por “natureza” (ou desnatureza). Longe de ser pessimista, ele apostava na impossibilidade de uma redução dos seres humanos à condição de formigas, em qualquer Admirável Mundo Novo. Isto, é claro, tem um preço, bastante alto, aliás: é o preço de nossa liberdade, irredutível, ainda que não ilimitada.**

**IHU On-Line - É realmente possível perdoar, ou a memória tem a dupla função de não nos fazer esquecer para evitar a repetição dos erros e, por outro lado, remoer algo que não podemos e não conseguimos superar?**

**Noêmia Crespo - Perdoar só é possível quando se consegue subjetivar a falta do Outro, sua inconsistência, seu vazio. É muito difícil, mas é necessário - e possível. Pode-se entender um tratamento analítico nesses termos: um trabalho voltado à tarefa de perdoar o Outro pela sua falta. Perdoá-lo pelos “traumatismos” que nossos maus encontros com essa falta do Outro nos deixaram. Enfim, perdoar o Outro pela sua inexistência. A “tirania da memória”, que teima em reeditar as sequelas subjetivas dos traumas, é um obstáculo poderoso a esse resultado. Mas, ao menos em alguns casos, não um obstáculo intransponível.**

# ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA  
PÁGINA ELETRÔNICA  
WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Livro da Semana

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Susie.  
*A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé* (São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010).

## A casa do diálogo e a teologia plural

Representantes de diferentes religiões escrevem obra que propõe uma introdução ecumênica à ciência da fé

POR MÁRCIA JUNGES

Uma obra ecumênica, preocupada em fazer dialogar diferentes teologias e oferecer a possibilidade de um autêntico diálogo inter-religioso. Essas são algumas das características da recém lançada *A casa da teologia: uma introdução ecumênica à ciência da fé*. Um dos seus autores, Paulo Roberto Gomes, acentua que, ao abordar a pluralidade de teologias como feminista, mulherista, negra, africana, houve uma “preocupação de falar do diálogo inter-religioso e da teologia das Religiões como necessárias para quem quer começar a estudar a Ciência da Fé”. Avaliando a plurivocidade desse diálogo, Afonso Murad menciona que “a identidade não se perde em contato com o outro, mas se enriquece. Numa sociedade plural, a teologia também necessita ser plural”.

Paulo Roberto Gomes é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, foi professor do Instituto São Tomás de Aquino - ISTA e é presbítero católico. Atua ativamente na formação de lideranças cristãs. Afonso Murad é doutor em Teologia Sistemática pela Universidade Gregoriana. É professor de Teologia na Faculdade Jesuíta - FAJE, em Belo Horizonte, e pesquisa temas contemporâneos como gestão e ecologia. A entrevista foi realizada por e-mail. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Por que *A casa da Teologia* é uma introdução ecumênica à ciência da fé?**

**Paulo Roberto Gomes** - O livro *A Casa da Teologia* é uma obra ecumênica pelo fato de ter sido escrita por dois católicos com experiências na linha do Ecumenismo (Afonso Murad e Paulo Roberto) e por contar com a contribuição de uma teóloga batista (Súsie Ribeiro) com experiências ecumênicas também. Desde o princípio, procuramos discutir todos os capítulos e cuidar da linguagem para que contemplasse católicos, ortodoxos, protestantes históricos e pentecostais. O capítulo sobre a história da Teologia Católica, Ortodoxa e Evangélica demonstra esta preocupação. O pastor Geraldo Cruz da Silva<sup>1</sup> contribuiu muito com suas

<sup>1</sup> Geraldo Cruz da Silva: bacharel em Direito e em Teologia, especialista em Bíblia e Aconselhamento Pastoral e mestre em Teologia Sis-

**“Um dos grandes problemas para o diálogo ecumênico e inter-religioso é que não se conhece a visão do outro a partir do seu ponto de vista”**

observações na parte histórica. Todo o material escrito era cuidadosamente lido por cada um de nós, corrigido e debatido em grupo para tornar o texto mais fluente e rico. Tivemos a oportunidade de submetê-lo à leitura de outros teólogos e aplicá-lo em sala de aula. As observações desses teólogos e alunos enriqueceram ainda mais a nossa obra.

**Afonso Murad** - Para nós (Murad, Paulo Roberto e Susie) escrever este livro foi uma tarefa árdua e saborosa. Eu já ha-

temática (Nota da IHU On-Line)

via elaborado um outro livro de Introdução à Teologia (Editora Loyola) com meu mestre, João Batista Libânio. Esta primeira obra está na quarta edição, e tem servido a muitos professores e alunos de Teologia no Brasil. Então, pensei em atingir outro público: os leigos e leigas que frequentam os cursos de Iniciação à Teologia, em diversas modalidades. Na primeira conversa com Paulo Roberto, quisemos estender este horizonte para as Igrejas cristãs, favorecendo uma compreensão da Teologia para além dos estreitos limites confessionais. Então convidamos Susie,

teóloga batista, que havia sido minha aluna. Susie tem uma boa experiência de trabalhar em Faculdade de Teologia Evangélica, integrando a perspectiva das várias Igrejas. No trajeto de escrever e corrigir o livro, recebemos a contribuição de estudantes e professores de algumas Igrejas cristãs. Isso nos enriqueceu muito. Foi uma aprendizagem enorme! E, ao final, temos uma obra ampla de teologia cristã, em linguagem acessível, que suscita diálogo.

**IHU On-Line - Em que aspectos essa obra traz uma abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso?**

**Paulo Roberto Gomes** - Ao abordarmos a pluralidade de teologias como: feminista, mulherista, negra, africana etc., tivemos a preocupação de falar do diálogo inter-religioso e da teologia das Religiões como necessárias para quem quer começar a estudar a Ciência da Fé. Como se trata de uma obra introdutória, não pudemos nos alongar muito. Tratamos as teologias de todas as Igrejas (luteranas, calvinistas, batistas, metodistas, pentecostais) com muito respeito, mostrando suas concepções a respeito da riqueza do Cristianismo. A obra tem a edição das Paulinas com a coedição da Sinodal dos luteranos. Gostaríamos muito que fosse um serviço às diversas Igrejas, abrindo perspectivas de sair de uma concepção fundamentalista para um diálogo mútuo e enriquecedor para todos.

**Afonso Murad** - Em vários aspectos. Em primeiro lugar, porque ela foi elaborada com os olhares de diferentes Igrejas. Além disso, contemplamos assuntos que normalmente não se encontram em outros livros. Por exemplo: raramente um livro de introdução à teologia católica contempla a história da teologia protestante. Há uma igual dificuldade nos livros de introdução, escritos por evangélicos e pentecostais, de apresentar o tema do método teológico, e de refletir sobre a utilização de outros saberes na elaboração da ciência da fé. E existe ainda a questão espinhosa da relação entre Bíblia e Tradição. Resolvemos

abordar estes temas de forma aberta e respeitosa, mostrando as diferenças e os possíveis pontos em comum. Um dos grandes problemas para o diálogo ecumênico e inter-religioso é que não se conhece a visão do outro a partir do seu ponto de vista. Então, este livro se presta a informar e refletir, sem ter a pretensão de doutrinar ninguém. Assumo uma postura clara: a teologia cristã é um saber apaixonado, que parte

**“Escolhemos a metáfora da casa para tornar mais leve a leitura e pelo fato da casa ser um lugar do convívio, da intimidade e do cultivo do relacionamento. Nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, a casa é um lugar teológico de grande relevância na aprendizagem com o mestre, na convivência e no se tornar discípulo do Reino”**

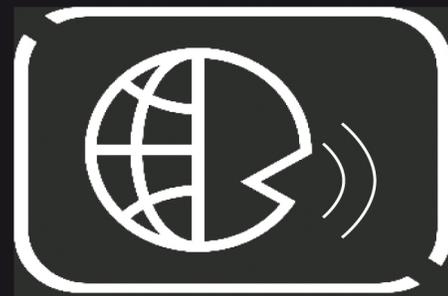
da experiência da fé, vivida em comunidade. Mas esta paixão é lúcida. Quer compreender em que (ou em Quem) crê, e como se dá este processo. Por isso, necessita pensar, com instrumentais teóricos adequados. A identidade não se perde em contato com o outro, mas se enriquece. Numa sociedade plural, a teologia também necessita ser plural.

**IHU On-Line - O que a metáfora da casa revela sobre a Teologia em nos-**

**sos dias?**

**Paulo Roberto Gomes** - Escolhemos a metáfora da casa para tornar mais leve a leitura e pelo fato da casa ser um lugar do convívio, da intimidade e do cultivo do relacionamento. Nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, a casa é um lugar teológico de grande relevância na aprendizagem com o mestre, na convivência e no se tornar discípulo do Reino. A metáfora da Casa revela que nossa teologia deve ser hoje mais saborosa, construída nas diversas relações entre Igrejas, mulheres e homens, religiões, entre o público e o privado, um diálogo respeitoso com os mais variados interlocutores, procurando dar respostas ainda que provisórias para o serviço do Povo de Deus.

**Afonso Murad** - A metáfora da casa nasceu da tentativa de apresentar de uma forma poética os vários assuntos que compõem uma Iniciação à Teologia, em perspectiva ecumênica. Visitar a casa de um amigo é lentamente penetrar na sua intimidade, partilhar de algo que lhe é próprio. Assim acontece com os diversos capítulos do nosso livro. O leitor, de forma gradual, vai entrando no mundo da teologia. Chega na varanda, onde se descortinam as expectativas e desejos dos estudantes. Entra na sala de visita e começa a estabelecer relação com o saber teológico. Passa pelos corredores da história, e vai à cozinha, o lugar familiar. Visitando diferentes cômodos da “Casa da Teologia”, o leitor se sente parte dela. Por fim, a teologia reconhece que não basta a si própria. É necessário ouvir e dialogar com as grandes questões da humanidade: sociais, étnicas, culturais e ecológicas. Por isso, a metáfora nos leva ao capítulo final: “A casa e a cidade”. Por fim, nós cremos que a teologia é uma casa em construção. Então, criamos o blog: [www.casadataologia.blogspot.com](http://www.casadataologia.blogspot.com), para apresentar bibliografia recente, novos artigos e até pequenos vídeos, além de favorecer a interlocução com o(a) estudante de Teologia. A “casa da teologia” é nossa casa. Bem-vindo!



## Tecnologia para libertar a comunicação coletiva

POR ANTO J. BENÍTEZ\*

Alguns avanços tecnológicos oferecem alternativas esperançosas para permitir a seleção de fatos noticiáveis a grupos de interesse não hegemônicos. Um deles é o que uma empresa universitária espanhola está desenvolvendo atualmente, a *youlive internet broadcasting*.

Existe uma alternativa aos grandes meios de comunicação? É possível produzir notícias audiovisuais com bons recursos de efeitos, dinamismo e frescor a custos tão baixos que possam se assumir sem publicidade? Poderia encontrar-se uma alternativa de comunicação a grupos de interesse diferentes dos que exercem a hegemonia da emissão de notícias? Encontramo-nos em um palco comunicativo que se desenvolve, sem pausa e a uma velocidade fulgurante, ao amparo das novas tecnologias emergentes que permitem a produção de conteúdos com facilidade. Novas janelas para novos públicos, mas também, pela primeira vez, suficiente público interessado em cada uma dessas novas janelas. Audiências que até agora não têm sido levadas em conta como potenciais; janelas de resoluções e qualidades até agora descartadas. Um grupo de investigação nórdico (ver Mobile Collaborative Live Video,

assinado por Engström, Esbjörnsson, Juhlin e Norlin, 2008, em Mobile HCI) em associação com Ericsson, Microsoft Research, o governo da cidade de Estocolmo, Telia Sonera e com bolsas financiadas por Vinnova (Agência Governamental Sueca) está realizando interessantes avanços no campo da utilização colaborativa dos terminais móveis com câmeras de vídeo incluídas. Têm conseguido levar a cabo experiências em sessões de Video Jockeys onde os celulares se repartiam entre os convidados à sessão, e as imagens que obtinham passavam a fazer parte do repertório que o VJ mostrava em projeções gigantes a todo o público presente, produzindo uma obra audiovisual que poderia se denominar coletiva. Ainda neste sentido, mas sem relação com essa investigação, uma empresa espanhola surgida na Universidade Carlos III e que faz parte do Parque Científico de Madri, a *youlive internet broadcasting*, oferece a seus clientes

\* Anto J. Benítez. Diretor de produção em Telemadrid (Televisão Pública de Madri). Membro do Grupo de Pesquisa TECMERIN da Universidade Carlos III de Madri, Espanha; sócio fundador de *youlive internet broadcasting*: abenitez@hum.uc3m

a possibilidade de produzir e emitir programas ao vivo através do site, captando, com as câmeras de telefones celulares, seus eventos empresariais ou institucionais.

O sistema emprega as câmeras e microfones dos terminais para transmitir suas imagens e sons ao vivo pela rede de telefonia 3G, tornando desnecessária a utilização de cabos; a combinação desses sinais obtidos em trabalho coletivo é subida, ao vivo, por meio de um canal de transmissão de dados em tempo real (o chamado streaming) singular a qualquer site, com um retardo mínimo, mas com áudio e vídeo sincronizados. Uma das possibilidades, denominada de associação simultânea, permite que um número de terminais de telefone celular se converta em unidades móveis para obter diferentes ângulos simultâneos e transmitir ao vivo através da Internet. Um bom exemplo de aplicação seria a visão alternativa de um despejo policial contra uma casa ocupada, enviando imagens desde o interior do lugar onde se desenrolam os fatos. Em outro dos desempenhos, o de associação sequencial, as câmeras de uma série de terminais podem ir se conectando e replicando imagens para aferir no momento exato, as reações da cidadania, ocorridas de forma simultânea em diferentes cidades e abordando o mesmo evento. Apenas para exemplificar essa possibilidade, se pode imaginar estas conexões em cascatas acontecendo, em sequência, de diferentes localidades, logo após

**“O projeto de *youlive* supõe o desenvolvimento em médio prazo do software adequado a ser compartilhado gratuitamente”**

um processo eleitoral.

Por um lado, o conceito de *sem fio* e a possibilidade de imediatismo e de flexibilidade das conexões conseguiriam que fatos noticiosos, até então tampados pela seleção dos grupos comunicativos hegemônicos, fossem acessíveis ao vivo; e ainda acrescentando-se a facilidade do manejo da câmera de um terminal móvel. Por outro lado, a aparência inofensiva dos diminutos terminais pode ser aproveitada para que os repórteres que atuam em ação colaborativa se aproximem dos protagonistas dos fatos de forma pouco invasiva. Assim, se reduz ao máximo o princípio de incerteza social, ao mesmo tempo, a aproximação com a gênese da notícia se faz extrema. Desta maneira, torna-se viável uma espécie de guerrilha informativa contra o bloco hegemônico da distribuição da informação de atualidade. Recordemos que a transmissão ao vivo no padrão

dos conglomerados exige uma notável infraestrutura ao alcance de poucos. Em qualquer caso, o projeto de *youlive* supõe o desenvolvimento em médio prazo do software adequado a ser compartilhado gratuitamente, de forma que a oportunidade de postagens existirá a um preço não maior que o de transmissão de dados através das redes móveis e dos serviços streaming. Como exemplo de aplicação livre e colaborativa destinada ao grande público, suponhamos uma página onde o usuário entra com intenção de transmitir ao vivo o casamento de um familiar.

É perguntado a respeito do número de terminais simultâneos que vai utilizar, e proporciona ao sistema o número de telefone de cada um deles. A página questiona-lhe como desejaria publicar as imagens: ao vivo, em streaming; através de várias redes sociais; em diferido, diretamente no Youtube ou serviços parecidos. Uma vez completado o formulário, aperta-se o botão de executar, a plataforma marca os números indicados e liga, através da rede de dados disponível, as câmeras e os microfones da cada um dos terminais de maneira que o usuário monitora os sinais e combina-os à vontade ao longo do tempo de uso. Parece simples... Toda hora é hora para sonhar, e mais ainda quando da realização dos sonhos pode se desprender uma possibilidade verdadeira de liberdade no manejo de ferramentas de comunicação coletiva.

**Curso de  
Especialização  
na Unisinos**

**Estratégias e Processos em Televisão Digital**

Início: 09 de abril de 2010

Coordenação: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos e Prof. MS. Paola Madeira Nazário

Informações: Secretaria das Especializações - Ciências da Comunicação

Fone: (51) 3590-8131/ (51) 3012-1363

www.unisinos.br/educacaocontinuada

**Inscrições  
abertas**

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

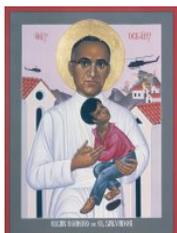
**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 23-3-2010 a 26-3-2010.**



**A privatização da água nega o direito humano de ter acesso a ela.**

Entrevista com Riccardo Petrella  
Confira nas Notícias do Dia de 23-3-2010.  
Acesse no link <http://bit.ly/94lVuE>

O economista e cientista político italiano, Riccardo Petrella, analisa a problemática da água no mundo. Ele lembra que a quantidade de água doce existente hoje é a mesma de 200 milhões de anos atrás. A rarefação da água, explica, diz respeito à qualidade de água para usos humanos em condições técnicas, econômicas e sociopolíticas abordáveis e aceitáveis. Petrella reflete também sobre a privatização da água e saneamento básico.



**Oscar Romero, um sinal de Deus para nosso tempo.**

Depoimento de Luiz Carlos Susin  
Confira nas Notícias do Dia de 24-3-2010.  
Disponível no link <http://bit.ly/azwpzj>

O Frei Luiz Carlos Susin relembra, no artigo enviado à IHU On-Line, momentos da vida de



**Um jeito mais hacker de ser.**  
Entrevista com Nelson Pretto  
Confira nas Notícias do Dia de 25-3-2010. Disponível no link <http://bit.ly/dAZTo4>

Nelson Pretto, professor da Universidade Federal da Bahia - UFBA, dissecou alguns conceitos relacionados ao uso da Internet, como a ideia da gratuidade, a chamada crise da propriedade e, ainda, a ética hacker.



**Jornalismo Ambiental: da marginalidade às capas de jornais.**

Entrevista com Dal Marcondes  
Confira nas Notícias do Dia de 26-3-2010.  
Acesso no link <http://bit.ly/cHYONv>

O jornalista Dal Marcondes, diretor da Agência Envolverde, fala da importância da informação sobre meio ambiente e sustentabilidade para a estruturação de um modelo de desenvolvimento com compromissos claros em relação ao futuro.

**Leia as Notícias do Dia em  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

**Confira as Notícias do Dia, publicadas diariamente no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br), algumas entrevistas realizadas no período de janeiro e fevereiro de 2010.**



**“O crescimento deve ser um instrumento para o desenvolvimento”.**  
**Entrevista com Marina Silva**  
**Confira nas Notícias do Dia de 29-1-2010. Acesse no link <http://bit.ly/9ho5Fn>**

A IHU On-Line entrevistou a pré-candidata à presidência da República pelo Partido Verde - PV, a senadora Marina Silva, quando ela esteve na Unisinos, participando do Fórum Social Mundial 2010. Na ocasião, Marina falou sobre a usina hidroelétrica de Belo Monte, sobre sua pré-candidatura à presidência, as prioridades para o Brasil, entre elas, a proposta de melhor explorar o potencial ambiental do país e a possibilidade de conciliar meio ambiente e crescimento econômico. “É preciso requalificar essa história de crescimento pelo crescimento. O crescimento não é um fim em si mesmo. Ele é uma ferramenta, um instrumento para o desenvolvimento”.

causa, presente na tradição indígena, e, a partir disso, fala da importante necessidade de pensar a natureza, a harmonia cósmica e o bem estar social. Participante do Fórum Social Mundial desde a primeira edição, ele menciona suas expectativas em relação ao futuro do evento.

**“Um outro concílio? Só se for em Manila ou no Rio, não em Roma”.**

**Entrevista com John W. O’Malley**  
**Confira nas Notícias do Dia de 23-1-2010.**  
**Confira o link <http://bit.ly/cAieoT>**

Um dos historiadores da Igreja mais respeitado e reconhecido dos EUA analisa, nesta entrevista, as posturas da Igreja diante de alguns desafios históricos das últimas décadas. E afirma que “se tivermos um outro Concílio, ele deveria acontecer em algum outro lugar fora do ‘centro’ em Roma”.



**O Fórum Social Mundial desafiado por novas perspectivas.**  
**Entrevista com Boaventura de Sousa Santos**  
**Confira nas Notícias do Dia de 30-1-2010. Disponível no link <http://bit.ly/ajHe4z>**

Nesta entrevista, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos diz que entramos no milênio com um sentimento contraditório. Sem otimismo, garante que a próxima década será menos fácil para as forças progressistas e movimentos sociais. Ele também aponta uma novidade no continente latino-americano: o conceito de suma-

**Confira a Entrevista do  
 Dia no endereço  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**



**Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética.**

**Cadernos IHU Ideias.**

**Disponível no sítio do IHU  
 a partir do dia 19-04-2010**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

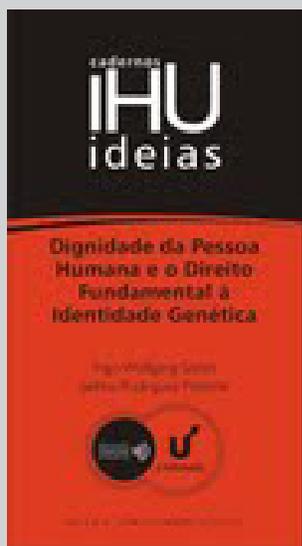
# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

# Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

<b>Dia 29/3/2010</b>
Exibição do filme Decálogo V Prof. Dr. Celso Candido - Unisinos Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h
<b>Dia 30/3/2010</b>
Exibição do filme Decálogo VI Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h
<b>Dia 02/4/2010</b>
Exibição do filme Paixão de Cristo, de Mel Gibson; MS João Inácio Wenzel Local: Paróquia Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Praça do Rosário, s/n - Centro - Cuiabá, MT Horário: 17h às 20h
<b>Dia 05/4/2010</b>
Exibição do filme Decálogo VII MS Ana Maria Formoso - Unisinos Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h
Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 Início do módulo ADAM SMITH: Filósofo e Economista - Adam Smith, 1723-1790 Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010
Evento: EAD - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS (5ª Edição) ETAPA 1: VIVER COM OLHOS ABERTOS
<b>Dia 02/4/2010</b>
Exibição do filme: Paixão de Cristo, de Mel Gibson MS João Inácio Wenzel Local: Paróquia Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Praça do Rosário, s/n - Centro - Cuiabá, MT
<b>Dia 05/4/2010</b>
Exibição do filme: Decálogo VII MS Ana Maria Formoso Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
Adam Smith: Filósofo e Economista - Adam Smith, 1723-1790 Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 Local: EAD
Viver com olhos abertos Espaço de espiritualidade - 5ª edição Local: EAD

<b>Dia 06/4/2010</b>
Exibição do filme: Decálogo VIII Prof. MS Eduardo Pereira - UNISINOS Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
<b>Dia 07/4/2010</b>
Exibição do filme: Decálogo IX Jornalista MS Sonia Montaña Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
<b>Dia 08/4/2010</b>
Espiritualidade via Internet: desafios e perspectivas Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes - UNISINOS Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
<b>Dia 10 e 11/4/2010</b>
Retiro universitário Orientadores: Maria Cristina Giani, Ana Maria Casarotti, José Roque Junges
<b>Dia 10/4/2010</b>
Oficina de Espiritualidade Inaciana Local: Centro Burnier Fé e Justiça, Rua Pe. Remeter, 92 - Bairro Baú, Cuiabá, MT

**A programação completa dos  
eventos do IHU está disponível  
no endereço eletrônico**

**[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

# XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana - CONVOCATÓRIA

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, sob a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e apoio dos PPGs de Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Saúde Coletiva, promove o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, a ser realizado entre os dias 13 e 16 de setembro de 2010, em São Leopoldo/RS. Este Simpósio tem como principal objetivo promover um debate transdisciplinar sobre a vida humana como objeto do poder e recurso útil nas estratégias biopolíticas das sociedades contemporâneas.

Com a proposta de aprofundar reflexões sobre o tema, além das conferências plenárias, conferências e minicursos simultâneos, que serão ministrados por especialistas nacionais e estrangeiros, será oportunizada a apresentação de comunicações científicas e pôsteres.

Portanto, a Comissão Organizadora convida a comunidade científica, em especial os pesquisadores nas áreas de Filosofia, Direito, Ciências Sociais e Políticas, Teologia, Antropologia, Bioética, Educação, Psicologia, e áreas afins, para participarem no Simpósio com seus trabalhos.

## Comunicações

### 1. 1 Normas

As comunicações devem ser inscritas de acordo com os eixos temáticos do Simpósio.

Cada comunicação deverá ter um autor principal e, no máximo, quatro coautores.

Autores e coautores deverão ter sua inscrição individual efetivada.

Os textos para as comunicações devem atender os seguintes critérios:

- comunicações resultantes de pesquisas concluídas ou em andamento;
- relatos de experiências com reflexão teoricamente fundamentada;
- texto devidamente revisado (sob responsabilidade dos autores), enviado no prazo previsto e estruturado conforme instruções constantes neste comunicado.

### 1. 2 Instruções

Apresentação: segundo as normas da

ABNT, para artigos científicos.

Formatação dos arquivos (incluindo texto na íntegra e resumo em português e inglês, em, no máximo, 20 linhas): Formato Word; Papel tamanho A4; Margem esquerda e superior com 3 cm;

Margem direita e inferior com 2 cm; Fonte: Times New Roman, tamanho 12pc; Espaçamento entre linhas: 1,5; Alinhamento: justificado; Numeração das páginas: no alto e à direita. O texto deverá conter título, autor(es), instituição, fonte de financiamento (se for o caso) e e-mail.

É permitido incluir informações adicionais ao texto na íntegra (nome do programa, titulação do autor, nome do orientador etc.) como nota de rodapé, logo após o nome do autor ou coautor.

O texto na íntegra deverá conter entre 15 a 20 páginas. A contagem incluirá referências e quadros ou tabelas.

## Pôsteres

### 1. Normas

Os pôsteres devem ser inscritos de acordo com os eixos temáticos do Simpósio. Cada pôster deverá ter um autor principal e, no máximo, quatro coautores. Autores e coautores deverão ter sua inscrição individual efetivada.

Os pôsteres devem atender os seguintes critérios:

- o texto explicativo do pôster, para fins de avaliação, deverá conter até 3 páginas, incluindo referências e quadros ou tabelas, e seguir as instruções de formatação do item 1.2;
- deverá ser enviado um layout do pôster em tamanho médio de 1m de altura por 80 cm de largura.

### 3. Eixos Temáticos (Comunicações e Pôsteres)

- 1 - Os modos biopolíticos da vida humana e os impactos no trabalho e na (re)produção da vida;
- 2 - O (des)governo biopolítico da vida humana a partir de um olhar filosófico;
- 3 - O controle social da vida humana, os processos de normalização dos sujeitos e formas de exceção jurídica;
- 4 - Implicações biopolíticas relacio-

nadas à bioética;

5 - A sujeição dos indivíduos nos processos educativos;

6 - A secularização do governo divino do mundo nos dispositivos de governo dos homens;

7 - Possibilidades de controle ou autonomia da psique na constituição da subjetividade.

## 4. Cronograma

Envio de comunicações e pôsteres até: 30 de junho de 2010.

Divulgação da lista dos trabalhos aceitos: 31 de julho de 2010.

Obs.: Conforme os participantes forem mandando os trabalhos, e estes sendo avaliados, irão receber retorno no prazo de até quinze dias. Assim, caso alguém queira encaminhar o pedido para algum órgão de fomento, terá o retorno para solicitar, em tempo hábil, o auxílio que desejar.

A programação do Simpósio, bem como outras informações pertinentes, inclusive lista completa das comunicações selecionadas e o horário das apresentações, será divulgada no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). As inscrições deverão ser feitas nos moldes do evento, ou seja, mediante o preenchimento da ficha de inscrição e pagamento.

A Comissão de Avaliação está assim constituída:

Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos  
 Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho - PUCRS  
 Prof. Dr. José Rogério Lopes - Unisinos  
 Prof. Dr. José Roque Junges - Unisinos  
 Prof<sup>a</sup>. Dra. Paula Sandrine Machado - UFRGS  
 Prof. Dr. Wilson Engelmann - Unisinos

Secretária da Comissão de Avaliação: Rejane Bastos - E-mail: [rejanes@unisinos.br](mailto:rejanes@unisinos.br)

São Leopoldo, 08 de março de 2010.

Coordenação do XI Simpósio Internacional do IHU O (des)governo biopolítico da vida humana

# XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: A experiência missioneira: território, cultura e identidade

## CONVOCATÓRIA

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, sob a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e apoio do Programa de Pós-Graduação em História promove o XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade, a ser realizado entre os dias 25 e 28 de outubro de 2010, em São Leopoldo/RS. Este Simpósio tem como principal objetivo o de refletir sobre a experiência missioneira jesuítica, numa perspectiva multidisciplinar, tendo em vista a passagem dos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai.

Agregando-se à proposta de aprofundar reflexões sobre o tema, o evento oportunizará, além das conferências, palestras e mini-cursos que serão ministrados por especialistas nacionais e estrangeiros, a apresentação de comunicações científicas e pôsteres. A Comissão Organizadora do XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade convida, portanto, a comunidade científica, em especial os pesquisadores ligados às Áreas de Conhecimento da História, Arquitetura, Arqueologia, Antropologia, Filosofia, Direito, Teologia, e outras afins, a participarem do Simpósio, mediante inscrição de seus trabalhos.

### Comunicações

#### 1.1 Normas

- As comunicações devem ser inscritas de acordo com os eixos temáticos do Simpósio.
- Cada comunicação deverá ter um autor principal e, no máximo, quatro coautores.
  - Autores e coautores deverão ter sua inscrição individual efetivada.
  - Os textos para as comunicações devem atender os seguintes critérios:
    - comunicações resultantes de pesquisas concluídas ou em andamento;
    - relatos de experiências com reflexão teórica fundamentada;
    - texto devidamente revisado (sob

responsabilidade dos autores), enviado no prazo previsto e estruturado conforme instruções constantes neste comunicado.

#### 1.2 Instruções

- Apresentação: segundo as normas da ABNT, para artigos científicos.
- Formatação dos arquivos (incluindo texto na íntegra e resumo em português e inglês, em, no máximo, 20 linhas): Formato Word; Papel tamanho A4; Margem esquerda e superior com 3 cm; Margem direita e inferior com 2 cm; Fonte: Times New Roman, tamanho 12pc; Espaçamento entre linhas: 1,5; Alinhamento: justificado; Numeração das páginas: no alto e à direita.
  - O texto deverá conter título, autor(es), instituição, fonte de financiamento (se for o caso) e e-mail.

É permitida a inclusão de informações adicionais ao texto na íntegra (nome do programa, titulação do autor, nome do orientador etc.) como nota de rodapé, logo após o nome do autor ou coautor.

O texto na íntegra deverá conter entre 15 a 20 páginas. A contagem incluirá: referências e quadros ou tabelas.

### Pôsteres

#### Normas

- Os pôsteres devem ser inscritos de acordo com os eixos temáticos do Simpósio.
- Cada pôster deverá ter um autor principal e, no máximo, quatro coautores.
- Autores e coautores deverão ter sua inscrição individual efetivada.
  - Os pôsteres devem atender os seguintes critérios:
    - O texto explicativo do pôster, para fins de avaliação, deverá conter até 3 páginas, incluindo referências e quadros ou tabelas, e seguir as instruções de formatação do item 1.2;
    - Deverá ser enviado um layout do pôster em tamanho médio de 1m de altura por 80 cm de largura.

### 3. Eixos Temáticos (Comunicações e

### Pôsteres)

- 1 - As estratégias de sobrevivência cultural no contato entre indígena e colonizador;
- 2 - A experiência artística missioneira;
- 3 - Dimensões e limites da territorialidade das Missões;
- 4 - O espaço arquitetônico das reduções;
- 5 - Heranças: memórias materiais e imateriais da experiência jesuítica;
- 6 - A importância das Missões no contexto nacional e global;

### 4. Cronograma

Envio de comunicações e pôsteres até: 30/07/10

Divulgação da lista dos trabalhos aceitos: 30/08/10

Obs. As cartas de aceite das comunicações e pôsteres serão encaminhadas, atendendo aos prazos para encaminhamento de pedido de auxílio financeiro a órgãos de fomento regionais e nacionais.

A Programação do Simpósio, bem como outras informações pertinentes, inclusive a lista completa das comunicações selecionadas e o horário das apresentações, serão divulgados no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). As inscrições serão efetivadas através de preenchimento da ficha de inscrição e pagamento.

A Comissão de Avaliação das comunicações e pôsteres inscritos está assim constituída:

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck - Unisinos  
 Prof. Dr. Luiz Fernando Rodrigues - Unisinos  
 Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins - Unisinos  
 Profa. Dra. Marluza Harres - Unisinos

Secretária da Comissão de Avaliação: Bruna Ribeiro - E-mail: [bkribeiro@unisinos.br](mailto:bkribeiro@unisinos.br)

São Leopoldo, 26 de março de 2010

## Eventos

### Adam Smith: filósofo e economista

Saiba mais sobre este clássico da Economia que será objeto de estudo do Ciclo em EAD promovido pelo IHU

No próximo dia 5 de abril, inicia o módulo *Adam Smith: Filósofo e Economista - Adam Smith, 1723-1790*, do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

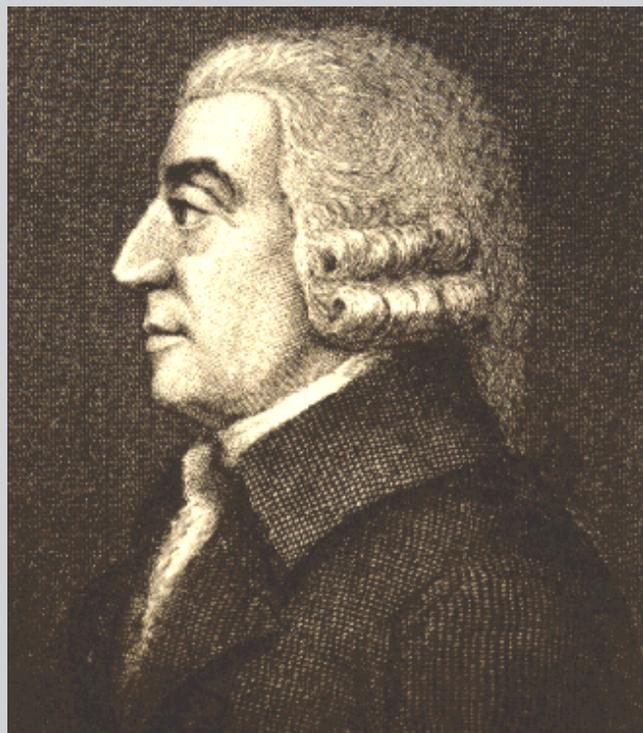
O Ciclo de Estudos em Educação à Distância (EAD) - Repensando os Clássicos da Economia, edição 2010, através de um debate transdisciplinar, visa a propiciar à comunidade acadêmica e ao público brasileiro em geral uma visão das principais ideias e implicações das obras de autores clássicos e contemporâneos da economia. O Ciclo busca discutir as possibilidades e os limites de uma economia social e eticamente regulada. Neste sentido, estudam-se obras de autores que têm contribuições originais ao pensamento econômico contemporâneo, permitindo ao participante conhecer e refletir sobre a viabilidade de suas aplicações na solução de problemas de nossa época.

O texto de referência para o primeiro módulo, sobre Adam Smith, que dura até 24 de abril, é de **Ana Maria Bianchi e Antonio T. L. Araújo dos Santos**, publicado nos **CADERNOS IHU ideias nº 35**, e disponível em <http://bit.ly/cTPFjm>

Para o professor de História do Pensamento Econômico, na Unisinos, Fernando Lara, em breve reflexão enviada à IHU On-Line, “o contato com Turgot e os fisiocratas franceses parece ter ajudado o então filósofo Adam

Smith a formular a conhecida imagem que ilustra sua contribuição fundamental para a teoria econômica. Ao mencionar a ‘mão invisível’ que parecia regular os mercados europeus já ao fim do século XVIII, Smith dá a partida para a discussão acerca dos determinantes do ‘preço natural’ das mercadorias, bem como estabelece pela primeira vez, de forma coerente, o processo de gravitação dos preços de mercado em torno dos custos de produção, em função do processo de concorrência”. Lara ainda completa, afirmando que “em seu conhecido exemplo de uma fábrica de alfinetes, Smith formula ainda outro conceito fundamental para a teoria econômica ainda hoje: a ideia de que a expansão dos mercados e das escalas de produção permitiria uma maior divisão do trabalho e consequentes ganhos de produtividade”.

Já para o também professor da Unisinos, Achyles Barcelos da Costa, “Adam Smith elaborou um quadro analítico articulado para explicar como a riqueza é gerada em um modo particular de produção da riqueza social que ganhava força com a I Revolução Industrial: o capitalismo. Em *A Riqueza das Nações*, como ficou conhecida sua principal obra, publicada em 1776, Smith ao mesmo tempo em que procura desven-



dar a causa da riqueza das nações, desfere um ataque a todas as formas de intervenção do Estado - e que era prática do regime feudal - que limitassem a livre mobilidade de agentes econômicos na busca de seu interesse individual. Com a sua metáfora da ‘mão invisível’ defendia que o mercado, através da livre concorrência, regularia a economia, levando-a rumo ao crescimento econômico. Por isso, a esse autor está associada a ideia de liberalismo como norma de funcionamento da economia”.

Confira a programação completa no link <http://bit.ly/cJSR6a>

## Espiritualidade na Internet: o surgimento de uma nova religião?

Para Pedro Gilberto Gomes, a utilização da Internet por diversas instituições religiosas fomenta uma reflexão: que novas formas de religião ou de espiritualidade emergem desse processo?

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

**N**a opinião do professor e pesquisador do PPG em Comunicação da Unisinos, Pedro Gilberto Gomes, as instituições religiosas ainda veem a Internet como um “dispositivo tecnológico”. A partir do uso da Internet, explica, se cria um ambiente de mediatização, ou seja, uma espécie de “caldo cultural onde as coisas interagem”, surge um “novo patamar baseado numa lógica de inter-relação”. Nesta nova ambiência, acrescenta, “as instituições podem estabelecer novos tipos de relações” ao invés de utilizar a rede apenas como um meio para divulgar sua mensagem. Com base nisso, ele lança o questionamento: “Como as Igrejas, dentro desse ambiente, desse mundo interconectado, podem trabalhar no estabelecimento de vivência, de espiritualidade, de religião?”

Ao utilizarem a Internet apenas como um meio para alcançar mais fiéis, muitas instituições não estão refletindo sobre que espiritualidade está sendo gerada a partir desse processo. Na avaliação do pesquisador, “o simples fato da pessoa se relacionar via portal já está criando uma forma de espiritualidade ou uma forma de ver religião diferente. Isso é o que deve ser questionado. Esses são os desafios e perspectivas”. O uso da Internet desacompanhado de uma reflexão mais profunda pode trazer alguns riscos e gerar efeitos desconhecidos ou indesejados. “O desejo de incentivar a solidariedade, as pessoas a rezarem, pode, ao invés disso, fazer com que elas formem um Deus a sua imagem e semelhança, pode incentivar o individualismo, as pessoas podem fazer a sua própria religião”, conclui.

Pedro Gilberto Gomes irá ampliar este debate no IHU ideias do dia 8-4-2010, onde discute Espiritualidade via Internet: desafios e perspectivas. O encontro acontece na sala Ignacio Ellacuría, no IHU, às 17h30min.

Pedro Gilberto Gomes é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e especialista em Teologia pela Universidade Católica de Santiago, no Chile. Mestre e doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP. Entre suas obras, destacamos *Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006), *Comunicação e governabilidade na América Latina* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008) e *Mediatização e processos sociais na América Latina* (São Paulo: Paulus, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em linhas gerais, o que o senhor pretende abordar ao relacionar espiritualidade e Internet? Essa relação funciona?**

**Pedro Gilberto Gomes** - Existem vários sites de organizações católicas ou não, que usam a Internet como um espaço de interação, de congregação das pessoas. Essas instituições consideram, por exemplo, a Internet um meio importante para passar a sua mensagem. Alguns sites disponibilizam as leituras

dominicais, velas virtuais, enfim, há todo um arcabouço de ações litúrgicas que são veiculadas a partir dos portais. Essa é uma concepção de dispositivo tecnológico, ou seja, antigamente, determinadas atividades eram realizadas na Igreja e, hoje, também estão disponíveis na Internet.

Participei de uma defesa de dissertação de mestrado em Santa Maria, em que a estudante analisava o site da Canção Nova ([www.cancaonova.com](http://www.cancaonova.com)).

Neste portal, no link de Liturgia, é possível escolher ler apenas as leituras ou os sermões. O conteúdo está fragmentado, e o internauta pode montar sua própria missa. Muitos pensam que essa é uma maneira de chegar na residência das pessoas com maior possibilidade. Mas, a partir disso, me pergunto: que tipo de espiritualidade está sendo criada, gestada? Não estou pensando na instituição Igreja, mas sim que a vivência religiosa, a espiritualidade

como um todo, é uma produção simbólica fundamental na vida do homem. Essa religiosidade é importante. Agora, quando as instituições religiosas fazem uso massivo desses novos ambientes, temos de nos perguntar que tipo de religiosidade, espiritualidade está surgindo desse processo. Que diferença existe entre acender uma vela para o padre Reus<sup>1</sup> num site, ou ir até o santuário? Esse é o questionamento. É um desafio que se tem de responder. Ouvir o sermão do padre na Internet tem o mesmo significado de ouvi-lo na Igreja? Na missa há outro ambiente. Não estou dizendo que isto é bom ou ruim. Estou questionando que tipo de espiritualidade esses espaços virtuais estão criando. É esse ambiente de midiaticização que está trazendo desafios para nós. Então, não se deve perguntar como uma instituição usa um portal para fomentar a espiritualidade. Isso não importa. Tenho de perguntar: ao fazer isso, que forma de espiritualidade está sendo formada? É por aí que vou esboçar alguma coisa no evento.

**IHU On-Line - As instituições religiosas têm a dimensão da riqueza que essa mídia proporciona? Ela consegue compreender o que significa hoje esse novo patamar?**

**Pedro Gilberto Gomes** - Claro que elas têm. Todas as instituições perceberam e estão usando esse meio. Só que elas estão colocando nos portais, simplesmente, a transcrição do que elas já vinham fazendo. A Igreja faz celebração litúrgica presencial desde que foi criada. Com essa sofisticação tecnológica, ela reproduz a missa que era feita para um grupo pequeno nos portais, com o objetivo de atingir milhares de pessoas. As instituições perceberam a importância desses meios para divulgar a sua mensagem e promover as suas ações. Entretanto, o que elas

<sup>1</sup> Padre João Batista Reus (1868-1947): padre jesuíta alemão que durante muitos anos foi professor de teologia no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo. Por causa dos milagres que lhe são atribuídos, ao falecer Padre Reus já tinha fama de santo. O processo de beatificação começou em 1958 e tramita até hoje. O Santuário Sagrado Coração de Jesus, localizado junto ao túmulo do jesuíta, é um dos principais pontos turísticos da cidade de São Leopoldo, recebendo milhares deromeiros mensalmente, que vão até lá pagar promessas por graças alcançadas. (Nota da IHU On-Line)

## “O risco é ter uma intenção, essa não ser concretizada e ainda gerar um efeito desconhecido ou indesejado”

não se perguntam - e que é o grande desafio -, é se, ao fazer essa transposição de suas ações milenares para um site de relacionamento, estão criando uma nova forma de espiritualidade independente do desejo delas, ou uma forma diferente de fazer e viver religião. Vou exemplificar: uma criança que, desde pequena, desenvolve a sua consciência religiosa de espiritualidade via Internet terá a mesma vivência religiosa de uma criança que participa da catequese, que vai à missa com os pais? Essas são formas iguais ou diferentes de fazer religião? De ter espiritualidade? E quando digo isso, novamente, não estou afirmando que uma é boa e outra é ruim. Estou apontando a existência de dois níveis de diferença. Que tipo de espiritualidade emerge de um portal? Isso vai além do conteúdo.

**IHU On-Line - A partir do uso da tecnologia e da Internet, as pessoas podem, também, ter uma relação mais individualista com a sua espiritualidade?**

**Pedro Gilberto Gomes** - Vou usar a palavra individualista, mas sem dar a conotação de juízo moral. Por exemplo: se um jovem passa parte do seu tempo navegando na Internet, se todas as suas relações amorosas acontecem no ambiente virtual, dizemos que ele está vivendo uma ilusão e precisa de acompanhamento. Mas, por outro lado, se o jovem não tem nenhuma vivência religiosa a não ser a virtual, achamos isso normal. Há muitos anos, foi feita uma pesquisa com jovens paulistas que jogavam videogame. Percebeu-se que não era o conteúdo do vídeo-game que estava mudando a vida destes jovens, mas o simples fato de jogar mudava a lógica do raciocínio

deles. Para esses jovens, o fato de alterar essa lógica linear (início, meio e fim) não representa nenhum problema, porque esse é o modo de raciocínio do jogo. Então, o que está em questão não é o modelo do jogo.

McLuhan já dizia, na década de 60: o que muda o comportamento das pessoas não é o conteúdo da televisão, mas o simples fato de ver televisão. Na vivência das espiritualidades, é essa realidade que as instituições religiosas não estão percebendo porque, para elas, o importante sempre foi a mensagem. E tudo aquilo que ajuda a levar a mensagem para um maior número de pessoas é bom. Então, o que muda é a mensagem. O instrumento é completamente neutro.

Se questionarmos mais profundamente para além do instrumento, vamos perceber que, independente do conteúdo, o fato de ele entrar no relacionamento já está criando um novo tipo de religião, de espiritualidade, porque mesmo a religiosidade não é unívoca. Na Igreja Católica, há setores que vão de A a Z, da extrema direita, de um espiritualismo total, até a extrema esquerda. Quem ainda faz isso está num ambiente do passado. O ambiente atual está exigindo outra coisa e nos faz considerar que, independente da mensagem de extrema esquerda ou da extrema direita, o simples fato da pessoa se relacionar via portal já está criando uma forma de espiritualidade ou uma forma de ver religião diferente. Isso é o que deve ser questionado. Esses são os desafios e perspectivas. Então, muito menos respostas e muito mais questões é que eu vou colocar na palestra.

**IHU On-Line - Quais os riscos de uma possível ingenuidade da Igreja ao fazer uso da Internet sem se dar conta das suas potencialidades e consequências?**

**Pedro Gilberto Gomes** - O risco é ter uma intenção, essa não ser concretizada e ainda gerar um efeito desconhecido ou indesejado. O desejo de incentivar a solidariedade, as pessoas a rezarem, pode, ao invés disso, fazer com que elas formem um Deus a sua imagem e semelhança, pode incentivar

var o individualismo, as pessoas podem fazer a sua própria religião. A Canção Nova, quando, em seu site, divide a missa, está iniciando uma consequência que não pode ser mensurada. A missa tem uma dinâmica, uma lógica e um movimento que forma um conjunto. A partir do momento em que, num portal, é feita uma partição dessa missa, a pergunta é: que tipo de missa é essa?

Vou dar outro exemplo: Partenia é uma diocese virtual ([www.partenia.org](http://www.partenia.org)). Um bispo francês perdeu a sua diocese em função de um problema com o Vaticano. Para continuar exercendo a função de bispo, o Vaticano o nomeou como bispo de Partenia, que foi uma diocese da Ásia Menor, a qual acabou há dois mil anos. Os amigos queriam saber o que era a tal Partenia, e ele explicou que se tratava de uma diocese “virtual”. A partir disso, os amigos dele tiveram a ideia de criar uma diocese na Internet. O site deles funciona em espanhol, alemão, francês, inglês e português e tem fiéis no mundo todo. No momento em que eles criam uma diocese virtual e que esse bispo começa a interagir com todas essas pessoas, que religião emerge desse processo? Que Igreja é essa? Que tipo de religiosidade nasce? Se não nos preocuparmos com isso, estaremos gerando efeitos desconhecidos, e, por via das vezes, contrários ao que desejamos. Não sou contra esses sites, acho que eles são importantes, mas precisamos refletir sobre essas questões.

### Religião, (des)religião, (re)religião

*McLuhan* falava que a história da humanidade poderia ser dividida a partir da história dos meios de comunicação e, que, no início, pelo gregarismo, as pessoas humanas se uniram em tribos, onde havia a cultura oral e a transmissão da história da tribo era feita pelos anciões. Quando se inventou a escrita, que sinalizou um salto na história da humanidade, *McLuhan* diz que começou a destribalização porque as pessoas não dependiam mais dos anciões para contar histórias. O auge

da destribalização foi a invenção dos tipos móveis por Gutemberg. Com a eletricidade e os meios eletrônicos, *McLuhan* disse que houve uma comunidade verbo-oral que criou uma retribalização. Só que esse processo, essa aldeia global, se dá num nível diferente do passado, ou seja, não significa retomar o que já existiu. Nós vivíamos num mundo fechado de espiritualidade, o mundo fragmentou, e as pessoas estão em todos os lugares. Agora, estamos retomando, via esses mecanismos de portal, a religiosidade. Então, fazendo um neologismo: religião, (des)religião, (re)religião. Entretanto, este modo simbólico de relacionamento, que está sendo retomado via esses meios para poder congrega as pessoas que estão dispersas, cria uma religião diferente da primeira. Não se trata simplesmente de uma repetição, uma retomada. Todas as experiências que tentaram retomar, fracassaram.

### IHU On-Line - A retomada a partir dos meios digitais pode dar certo?

**Pedro Gilberto Gomes** - Não sei. Só sei que se trata de outra realidade, de outra ambiência, portanto é uma nova vivência religiosa, de espiritualidade.

### IHU On-Line - O que podemos entender por midiatização e como relacionar este conceito com a espiritualidade?

**Pedro Gilberto Gomes** - Esse mundo da sociedade de midiatização está criando uma espécie de gloretribalização, esse mundo está proporcionando uma nova ambiência que está criando novos espaços de relacionamento em termos geral. Essa rede em que as pessoas estão interconectadas está criando novos espaços de relacionamentos, novos espaços de espiritualidade. Isso coloca um desafio para nós. Volto a dizer: as Igrejas não estão preparadas para isso. O que elas conseguem compreender é o fato de ter uma vivência que foi fragmentada por uma série de motivos, e agora ela usa esses meios para recongregar as pessoas. Só que eles querem fazer com que as pes-

soas retornem ao estado que acontecia anteriormente. E essa recongregação acontece em outro nível, outro estágio. Nós estamos em pleno processo de “salto” e não sabemos aonde vamos cair, mas é certo que vamos para um lugar distinto do qual queremos ir. Lançamos, mas ainda não chegamos ao outro estágio. Dessa nova ambiência, dessa nova espiritualidade e desse novo modo de fazer religião estamos - usando uma expressão poética - levantando a fímbria do manto. Ainda não sei tudo que tem do outro lado.

### IHU On-Line - Podemos dizer que a lógica da midiatização ainda não é compatível com a lógica dessas instituições?

**Pedro Gilberto Gomes** - Poderia dizer isto: estamos vivendo uma nova lógica, que não é simplesmente a retomada da lógica tradicional. Gosto de dizer que começamos a viver uma nova ambiência, e quando as Igrejas entram para esses meios, elas pensam que os meios são apenas dispositivos tecnológicos e, portanto, elas estão pensando que devem retomar as pessoas e trazê-las para sua ambiência. Acontece que a ambiência que essa realidade está criando é outra e não a passada. Essa é a questão.

### IHU On-Line - Como as teorias de Teilhard de Chardin (a noosfera, por exemplo), podem contribuir para a compreensão do fenômeno da espiritualidade via Internet?

**Pedro Gilberto Gomes** - O que Teilhard de Chardin diz é que estamos num processo de evolução. Todo o mundo está evoluindo. O homem é um dos estágios dessa evolução, mas ela continua. Essa evolução da complexidade, ele diz que o homem o faz também através do desenvolvimento da técnica. Então, a técnica não é algo externo.

Nessa caminhada em direção ao Ponto Ômega, essa unidade total, Teilhard diz que toda a técnica se articula com o ser humano e ela é expressão dessa unidade. Esse supercérebro que ele cita é justamente uma conjugação de todos os cérebros da humanidade, formando esse cérebro único num de-

envolvimento.

A técnica está intrinsecamente ligada ao ser humano e faz parte da humanidade. Claro que essa realidade vai fazer com que a minha forma de me relacionar com o transcendente, portanto, toda uma vivência religiosa, atinja outras dimensões que não essa atual.

**IHU On-Line - Como a midiatização pode ajudar as instituições a construir uma rede de inter-relações?**

**Pedro Gilberto Gomes** - Essa pergunta está partindo da antiga ambiência, porque a midiatização é vista como um dispositivo tecnológico que alguém pode manejar. E a relação é contrária: como as instituições, navegando dentro desse novo ambiente, podem estabelecer novos tipos de relação, e não utilizando isso para algo. Eu posso utilizar a mídia, mas a midiatização é o ambiente que se cria, é como se fosse um caldo cultural onde as coisas interagem, e as instituições estão ali dentro, trabalhando nesse novo ambiente no desenvolvimento dessa vivência espiritual e religiosa, que não deixa de ser uma construção simbólica, que se dá num novo patamar baseado numa lógica de inter-relação. Até porque as pessoas já estão ligadas. A pergunta é: como as Igrejas, dentro desse ambiente, desse mundo interconectado, podem trabalhar no estabelecimento de vivência, de espiritualidade, de religião. Então, a questão é: como as religiões podem se inserir no desenvolvimento de espiritualidade, que não é simplesmente a transposição de seus antigos processos mentais para a Internet? As instituições religiosas precisam mudar a ambiência ou pelo menos se questionar sobre isso.

#### LEIA MAIS...

>> Sobre o tema, confira o Cadernos IHU em Formação número 35, intitulado *Midiatização. Uma análise do processo de comunicação em rede*, disponível no link <http://bit.ly/bPXplD>

Confira outra entrevista com Pedro Gilberto Gomes no nosso sítio ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)). *O impacto da midiatização na sociedade latino-americana*. Entrevista publicada em 31-8-2008. Disponível no link <http://bit.ly/bkQqQb>

## Decálogo de Kieślowski. Uma provocação

Para a crítica de cinema, Neusa Barbosa, com a obra *Decálogo*, Kieślowski causou uma provocação artística e política na Polônia católica e comunista de sua época

POR GRAZIELA WOLFART

Ao refletir sobre a importância da série de dez filmes *Decálogo*, do diretor polonês Krzysztof Kieślowski, a jornalista e crítica de cinema, Neusa Barbosa, lembra que os dez mandamentos, inspiração para a obra, “falam de não matar, não roubar, não cobiçar a mulher do próximo. Eles tentam cobrir algumas das que seriam as questões principais da vida, mas não conseguem. A primeira discussão é essa: os dez mandamentos encerram toda a ética da humanidade, tudo o que se precisa saber ou pensar sobre o comportamento humano? Não. Mesmo que se fizessem 20 mandamentos, 30, 50 ou 100 mandamentos, também não esgotaria, porque a vida humana é complexa. Isso que Kieślowski coloca na obra dele. A vida é mais complexa do que nossas tentativas de colocar regras nas coisas”. Na entrevista que concedeu por telefone à *IHU On-Line*, Neusa considera que “Kieślowski olha para a vida humana e tenta ser honesto com o retrato da humanidade. Ele não está querendo criar receitas com seus filmes. Os personagens que ele cria e coloca em determinadas situações e interações uns com os outros, mostram que ele tenta olhar para a vida humana e evidenciar o quanto ela é rica, complexa e difícil também”. Ela não percebe uma ética clara nos filmes de Kieślowski. “Existe um amor pelo ser humano nos filmes dele, um amor pelos personagens em todas as suas fraquezas, limitações, até sob os personagens marginais, criminosos, ele tem um enfoque que permite que vejamos o ser humano, não um monstro, não um maniqueísta. Ele não julga os personagens”.

A série de filmes *Decálogo* está sendo exibida na Unisinos, como parte da programação de Páscoa IHU 2010. Nesta semana, serão exibidos os *Decálogos* V, VI, VII, VIII, IX e X. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/a3EDUF>

A jornalista, crítica e pesquisadora paulistana Neusa Barbosa trabalhou no jornal *Folha de S. Paulo* e na revista *Veja S. Paulo*. Atualmente, edita o site “*Cineweb*” ([www.cineweb.com.br](http://www.cineweb.com.br)), especializado em cinema, e colabora com as revistas *Bravo* e *Wish Report*. Especialista em crítica de cinema, costuma participar da cobertura de festivais internacionais, como Cannes e Veneza, e nacionais, como Brasília, Recife e Gramado. Além disso, dedica-se a cursos sobre cinema. Entre seus livros publicados citamos *Gente de Cinema - Woody Allen* (Editora Papagaio, 2002), e *Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão: Analisando Cinema* (Imprensa Oficial SP, 2006). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que caracteriza a carreira do diretor polonês Krzysztof Kieślowski?**

**Neusa Barbosa** - Ele foi um dos diretores mais importantes do século XX. A obra dele repercute até hoje, principalmente pela maneira como retratou as relações humanas. Ele é um diretor humanista, acima de tudo, e conseguiu fazer filmes de uma enorme sensibilidade e uma obra que não foi muito grande, em termos numéricos, mas com filmes muito intensos, e que influenciaram vários outros diretores.

**IHU On-Line - Como você define ou qualifica a obra Decálogo, projeto de dez mídias-metragens?**

**Neusa Barbosa** - Esse projeto é interessante, porque a Polônia é um país católico, de tradição católica. Mas no momento em que Kieślowski se torna cineasta, eles estão sob o regime comunista e, na verdade, escolher o Decálogo, que tem uma correspondência com os dez mandamentos cristãos, não deixa de ser uma provocação Kieślowskiana. A maneira como ele aborda as situações dos filmes, em cada um deles, não é nada cristã. Quem achou que ele faria uma abordagem religiosa, perdeu o bonde. É uma provocação artística, principalmente em termos políticos. É algo curioso, porque ele produzia para a televisão. E a televisão com certeza era estatal, num regime comunista. Ele estava testando os limites. E, ao fazer os filmes, ele não respeita uma liturgia católica, porque em todos os filmes as problemáticas pessoais de cada uma das pessoas são profundamente humanas e também há a interferência do acaso, que é muito forte na obra do Kieślowski. O acaso é tão importante quanto a vontade, o desejo, o sonho do personagem; é o acaso que muda tudo. E o acaso é algo cego, que não é moral, não é religioso. O acaso é como um raio que cai na cabeça de alguém. E não teve diretor que retratou de maneira melhor a dualidade da vida humana, mostrando que a intenção, o sonho e tudo o que o ser humano faz deliberadamente,

**“Os filmes do Kieślowski nunca são maniqueístas.**

**Ele sempre tenta compreender a complexidade das questões de vários ângulos”**

achando que tem livre arbítrio, é algo que dura até que o acaso modifique a situação. Mas, reitero, não é um acaso religioso. Kieślowski não era uma pessoa religiosa. Ele era um humanista.

**IHU On-Line - Como as questões da ética e da complexidade da vida humana aparecem na obra?**

**Neusa Barbosa** - Em muitos de seus filmes, no Decálogo e fora dele também, Kieślowski coloca os personagens confrontados com dilemas morais, pois têm que fazer escolhas muito drásticas. A questão ética percorre toda a obra dele. Por exemplo, no filme *Não matarás*, tem toda uma discussão sobre alguém que comete um crime hediondo, mas existe também a pena de morte, que é algo eticamente discutível. Ele nunca facilita. Os filmes do Kieślowski nunca são maniqueístas. Ele sempre tenta compreender a complexidade das questões de vários ângulos.

**IHU On-Line - Como entender que os dez mandamentos tenham inspirado a obra cinematográfica Decálogo?**

**Neusa Barbosa** - A própria existência dos dez mandamentos tem uma preocupação ética por trás. Fazer dez mandamentos para pautar a conduta humana, significa procurar impor limites éticos para as coisas, definir o que é crime, que limites se devem respeitar. E isso encontra um espaço na doutrina religiosa. Só que Kieślowski, ao colocar isso como tema, faz uma provocação artística mesmo. Ele quer colocar isso em questão, que não dá

para seguir uma regra 100%, porque a vida humana é muito mais complicada do que isso. Por mais que você queira seguir um Abraão, não vai conseguir totalmente. E daí você fica sozinho com a sua ética, com a sua vontade, e tendo que lidar com o imponderável, que é um acaso, um acidente, que é uma escolha a fazer naquele momento. A obra Decálogo tem várias questões. Os dez mandamentos falam de não matar, não roubar, não cobiçar a mulher do próximo. Eles tentam cobrir algumas das que seriam as questões principais da vida, mas não conseguem. A primeira discussão é essa: os dez mandamentos encerram toda a ética da humanidade, tudo o que se precisa saber ou pensar sobre o comportamento humano? Não. Mesmo que se fizessem 20 mandamentos, 30, 50 ou 100 mandamentos, também não esgotaria, porque a vida humana é complexa. Isso que Kieślowski coloca na obra dele. A vida é mais complexa do que nossas tentativas de colocar regras nas coisas. Embora o fato de ter uma ética seja positivo.

**IHU On-Line - O que caracteriza a ética do cotidiano e o sentido da vida humana na obra de Kieślowski?**

**Neusa Barbosa** - Kieślowski olha para a vida humana e tenta ser honesto com o retrato da humanidade. Ele não está querendo criar receitas com seus filmes. Os personagens que ele cria e coloca em determinadas situações e interações uns com os outros, mostram que ele tenta olhar para a vida humana e evidenciar o quanto ela é rica, complexa e difícil também. Não sei se podemos ler uma ética tão clara nos filmes dele. Existe um amor pelo ser humano nos filmes dele, um amor pelos personagens em todas as suas fraquezas, limitações, até sob os personagens marginais, criminosos, ele tem um enfoque que permite que vejamos o ser humano, não um monstro, não um maniqueísta. Ele não julga os personagens.

**IHU On-Line - Qual é a visão da “Lei de Deus” de Kieślowski?**

**Neusa Barbosa** - Não sei se Kieślowski

“Não vejo religião nos filmes do Kieślowski a não ser para colocar em dúvida, para mostrar que a religião não dá conta da complexidade da vida humana”

acreditava em Deus. Pelos filmes, para mim, passa que não. Ele não seguia os dez mandamentos. Vejo que os dez mandamentos no filme aparecem como um pretexto para ele olhar para a situação das pessoas, naquele momento, naquele lugar. Não acho que vamos ver lei de Deus nos filmes do Kieślowski, vamos ver a lei dos homens. Não vejo religião nos filmes do Kieślowski a não ser para colocar em dúvida, para mostrar que a religião não dá conta da complexidade da vida humana. Talvez ele nem fosse ateu. A leitura que faço é que ele não está reafirmando a lei de Deus nos filmes, mas a está colocando em questão, e está refletindo sobre os limites que ela tem. Kieślowski faz muita falta, sinto muita falta do toque que ele tinha para contar suas histórias, com delicadeza e intensidade. Ele não tem um herdeiro à altura. Sinto saudades dele.

#### LEIA MAIS...

Sobre o Decálogo, de Krzysztof Kieslowski, a IHU On-Line já publicou outros materiais:

\* “Decálogo” de Kieślowski: o cinema repensando a ética, artigo de Moisés Sbardelotto, publicado na IHU On-Line número 321, de 15-03-2010, disponível em <http://bit.ly/d6Ct9C>

\* O Decálogo de Kieślowski e o debate sobre os Mandamentos, entrevista com Marcus Mello, publicada na IHU On-Line número 321, de 15-03-2010, disponível em <http://bit.ly/cknyxY>

\* Um cinema humanista de primeira qualidade, entrevista com Carlos Gerbase, publicada na IHU On-Line número 322, de 22-03-2010, disponível em <http://bit.ly/av4kRZ>

## Projeto didático “Religiões do Mundo”: nas pegadas das religiões mundiais

Em parceria com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, o IHU disponibiliza materiais didáticos especialmente desenvolvidos para a formação intercultural e religiosa

POR MOISÉS SBARDELOTTO

O que sabemos a respeito dos povos de outras fés e das suas religiões? Foi em busca de respostas a essa pergunta que o teólogo suíço-alemão Hans Küng organizou um grande projeto intitulado “Religiões do Mundo”. Rastreado as pegadas e marcas das religiões mundiais em seus quatro milênios de história, Küng nos ajuda a compreender, por meio de vídeos e painéis didáticos, a fé dos diversos povos do mundo, para a construção de uma ética comum em busca da paz.

Em parceria com o IHU, o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, com sede na Unisinos, disponibiliza esse material para o público brasileiro, colaborando na formação cultural e religiosa. Escolas, associações e grupos interessados podem solicitar o empréstimo ou a cópia dos materiais para serem utilizados como opção didática no estudo das grandes tradições religiosas do mundo.

O projeto foi desenvolvido ao longo de mais de um ano, quando o próprio Küng viajou pelos cinco continentes, conhecendo e estudando suas culturas, tradições e religiões. O material foi gravado e transformado em um documentário televisivo de sete partes, intitulado “Religiões do Mundo”, produzido pelo Südwest Rundfunk (SWR), em cooperação com a Televisão Suíça (DRS). Além dos filmes, foi também produzida uma exposição com banners que resumem, de forma didática, os conteúdos abordados nos vídeos.

Durante as viagens, Küng acompanhou as grandes religiões do mundo, encontrando trilhas que podem conduzir à paz e a uma forma de vida mais humana, além de uma ética básica comum entre pessoas de religiões diferentes.

### Ética Mundial

A ideia central do programa está fundamentada na obra do teólogo, em seu livro “Projeto de ética mundial” (Ed. Paulinas), em que desenvolve, de maneira programática, a ideia de que as religiões do mundo só podem contribuir com a paz da humanidade se tiverem presente o que já lhes é comum no âmbito da ética: se chegarem a um consenso básico com relação a valores obrigatórios subsistentes, parâmetros inamovíveis e atitudes pessoais básicas.

Em 1993, em Chicago, o Parlamento das Religiões Mundiais assinou a “Declaração de ética mundial”, elaborada pelo teólogo, mediante um processo inter-religioso de consultas. Desde então, essa declaração é o documento fundamental para o desenvolvimento dessa concepção da ética mundial.

O projeto de ética mundial apoia-se em quatro convicções básicas: não há paz entre as nações sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões; não há diálogo entre as religiões sem padrões éticos globais; não há chance de sobrevivência para nosso planeta sem uma ética global, uma ética



mun-  
dial,

apoiada por pessoas religiosas e não-religiosas.

Como afirma Hans Küng, “normas e valores éticos formaram-se pela ação dos próprios homens, em um processo de dinâmica social altamente complexo, ao longo da evolução humana”. Dessa forma, os elementos reguladores da ação para o comportamento humano - sejam eles convenções, leis, mandamentos, orientações e costumes, em suma, determinadas normas éticas - também estão presentes na Bíblia hebraica, no Novo Testamento e também no Alcorão, assim como nas religiões de origem indiana, chinesa, africana e indígena.

#### Materiais didáticos

Segundo Küng, sua intenção ao preparar o projeto “Religiões do Mundo” não foi a de meramente informar, ou seja, apresentar materiais neutros sobre as religiões, com uma objetividade fria e um distanciamento emocional. Ele também não quis fazer uma “missão”, no sentido de promover os méritos de alguma religião específica, ou de uma nova religião criada por ele próprio.

“Não - afirma o teólogo -, eu quis oferecer orientações sobre muitas coisas que podem ser estranhas ou desconhecidas ao público e desafiá-lo a refletir novamente sobre o significado das grandes religiões para o futuro da humanidade”.

Assim, com um texto objetivo, mas embasado pela experiência pes-

soal, além do relato de fatos históricos, somado à denúncia dos problemas atuais, os documentários e banners se concentram sobre cada tradição religiosa do mundo, chamando a atenção para as relações universais que podem ser encontradas entre todas elas.

Para isso, defende Küng, não é necessária uma “devoção cega”, mas sim uma “simpatia crítica” por todo o fascínio e a beleza, manifestadas pelas religiões.

Os documentários contemplam, inicialmente, as religiões étnicas ou tribais, encontradas ainda hoje na Austrália e na África. Em seguida, são abordadas as três maiores correntes religiosas presentes no planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).

Já a exposição de banners é composta por 15 painéis, sintéticos e didáticos, que exploram os principais pontos abordados nos vídeos, com o acréscimo de conteúdos de outras duas tradições religiosas: as religiões indígenas e as religiões de matriz africana, a partir de um estudo conjunto feito com o grupo Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (Gdirec), da Unisinos. Os banners já foram expostos em diversas partes do mundo, como na sede da ONU, em Nova Iorque, e também em diversos Estados do Brasil. No Rio Grande do Sul, já foram expostos em escolas públicas, na Unisinos e na Casa de Cultura Mário Quintana. Nestes dias, os banners também estão sendo expostos na Unisinos, dentro da programação da Páscoa IHU 2010.

Para fomentar ainda mais a formação intercultural e inter-religiosa para promover uma Ética Mundial, o IHU oferece esses materiais didáticos aos públicos interessados, no formato de sete DVDs dublados e 15 banners. Para mais informações, entre em contato com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, no IHU, pelo telefone (51) 3590-8223 ou pelo e-mail eticamundial@unisinos.br.

[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)

## Waldecy Tenório

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO

**D**escobrir os laços que unem literatura e teologia é uma das obsessões do professor Waldecy Tenório, da PUC-SP. Parafraseando Clarice Lispector, ele afirma que a literatura é, toda ela, uma pergunta sobre as grandes questões existenciais do ser humano. E lembrando o crítico George Steiner, ele afirma ainda que toda obra literária, de alguma forma, é sempre teológica, no sentido em que a teologia também se preocupa com as grandes questões que nos afetam e desafiam. Esse é, segundo ele, o caso da poesia de João Cabral. Mas o professor se apressa em explicar que não se trata aqui de nenhuma teologia do poder, ou do terror, ou do medo. Na entrevista que você confere a seguir, concedida, pessoalmente, por ocasião da vinda de Tenório para o Evento Páscoa IHU 2010, a necessidade da ressurreição no cotidiano de nossas vidas foi outro tema discutido, também com base na literatura, a partir da aula que ele ministrou sobre “O claro enigma de Drummond: a vida besta e a festa no brejo” e também a partir da leitura teopoética que fez do filme *Central do Brasil*. Em sua vinda à Unisinos, Tenório ministrou, ainda, a aula magna do curso de Letras.



**Origens** - Por razões circunstanciais, nasci em Palmares, na zona da mata pernambucana. Mas me criei e despertei para a vida intelectual em Olinda. E, você sabe, temos lá uma canção que diz mais ou menos assim: “Olinda é para os olhos, não se apalpa, é só desejo, ninguém diz é lá que eu moro, diz apenas é lá que eu vejo”. Estudei as primeiras letras na escolinha de dona Alice, na rua do Sol. Depois estudei no Seminário de Olinda, famoso por suas raízes iluministas e por sua formação humanística. Por isso, vivendo há mais de 40 anos em São Paulo, toda vez que vou a Recife rever minha mãe e meus irmãos, cumpro obrigatoriamente o ritual quase religioso de subir e descer as ladeiras de Olinda. Para renovar as forças, tenho de respirar aquele ar, ouvir aqueles sinos e ver aquele mar.

**Família** - Sou casado há 43 anos com Marili. Temos quatro filhos e três netos. Marcos, Daniel, Raphael e Lucas. E depois Gabriel, Júlia e Luisa. Também eles são fonte de energia e motivação para a vida. E muito do que consegui fazer devo a Marili, sem dúvida.

**Interesse pela Teologia** - Se o pudor impedia Erasmo<sup>1</sup> de se dizer teólogo, imagine... Não, não sou teólogo, sou leitor de teologia, e sou basicamente professor de literatura. E foi a literatura que me aproximou da teologia. Como a literatura mergulha fundo na condição humana, e a teologia também, ao ler poetas e romancistas, voltei aos temas teológicos que fizeram parte de minha primeira formação. Voltei às *Confissões* de Santo Agostinho<sup>2</sup>, voltei aos Padres da Igreja... Tive excelentes professores no Seminário. Um cônego Pedro Adrião, autor de *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, está na arqueologia da aproximação que faço hoje entre ficção e teologia.

**Formação Acadêmica** - Minha formação acadêmica se deu na Universidade de São Paulo, onde fiz minha graduação em Letras Clássicas e depois o

<sup>1</sup> Erasmo de Rotterdam (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

doutorado em Filosofia. Da graduação, passei direto para o Doutorado por insistência do professor Rui Coelho, então diretor da FFLCH, para quem meu projeto sobre João Cabral era um projeto de doutorado, e não de mestrado. Por essa mesma razão, me transferei de Letras para a Filosofia, porque o professor João Alexandre Barbosa, meu orientador natural, não tinha vaga para me receber naquele momento. Então fiz a minha tese sob a orientação do professor Franklin Leopoldo e Silva. Tive excelentes professores na USP e, certamente, devo muito a eles. A João Alexandre Barbosa devo, além de tudo, o prefácio que escreveu para o meu livro *A Bailadora Andaluza: A Explosão do Sagrado na Poesia de João Cabral*, publicado pela Ateliê Editorial com apoio da Fapesp. Na USP, fui pesquisador do Instituto de Estudos Avançados e, atualmente, sou líder de um grupo de pesquisa chamado Literatura e Sabedoria, com a participação de professores de outras Universidades, entre eles Maria Clara Bingemer e Eliana Yunes, da PUC-Rio. Faço parte de outros grupos de pesquisa em outras universidades, como UFSC e Unicamp, e considero im-

portante para mim a participação que tenho tido nos diversos simpósios organizados pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

**Experiência jornalística** - No capítulo de minha formação intelectual, devo incluir também minha experiência jornalística. Fui redator de “O Estado de S. Paulo” durante 13 anos. Fui também colaborador de algumas revistas da Abril e editor do jornal “O São Paulo”, da arquidiocese de São Paulo, a convite do cardeal Arns<sup>3</sup> e de frei Romeu Dale. Na condição de jornalista, vivi alguns momentos importantes da história política recente do Brasil. No “Estadão”, trabalhei em vários editoriais e encerrei minha carreira com um dos editores do Suplemento Cultura.

Como editor de “O São Paulo”, escrevia os editoriais de propósito, para que o censor os vetasse. De fato, ele fazia isso, e, então, eu ligava para “O Estadão” dizendo que a Censura vetara o editorial do jornal da arquidiocese. Aí o “Estadão” publicava o editorial que, graças ao censor, era lido no Brasil inteiro. Foi um longo aprendizado durante o qual tive a oportunidade de conviver com grandes intelectuais, inclusive da USP.

**Transdisciplinariedade** - Essa aproximação entre literatura e teologia deu um pouco de trabalho. Entre nós, os estudos de Antonio Manzatto<sup>4</sup> sobre Jorge Amado<sup>5</sup>, e o meu sobre

3 **D. Paulo Evaristo Arns** (1921): Nasceu em Santa Catarina e ingressou na ordem Franciscana em 1939. Foi professor, diretor do CIC e jornalista. Atuou na Região Norte de São Paulo, cidade onde foi nomeado Arcebispo, em 1970. Defendeu os líderes sindicais nas greves, apoiou a campanha contra o desemprego e o movimento pelas eleições diretas. Sua luta em defesa dos direitos dos pobres e pelo fim da desigualdade social lhe valeu dezenas de prêmios no mundo. (Nota da IHU On-Line)

4 **Antonio Manzatto**: Doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina, Bélgica e professor na Faculdade de Teologia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

5 **Jorge Amado** (1912-2001): escritor baiano, nascido em Itabuna. Escreveu dezenas de livros, entre romances, novelas, literatura infanto-juvenil, poesia, contos, relatos autobiográficos, peças de teatro, guias de viagem e documentos políticos e de oratória. De suas obras, destacamos *Capitães da Areia* (1936), *Gabriela Cravo e Canela* (1958), *Tenda dos Milagres* (1969) e *Tieta do Agreste* (1977), todas estas adaptadas para a televisão. (Nota da IHU

## “Os teólogos olhavam a literatura com desdém, os críticos literários olhavam a teologia com desconfiança, e os diálogos se resumiam a risinhos constrangidos de cada lado e pronto”

João Cabral estão entre os primeiros realizados no Brasil. Lembro de um certo estranhamento quando falei em literatura no Departamento de Teologia da PUC-SP, no início da década de 90. Os teólogos olhavam a literatura com desdém, os críticos literários olhavam a teologia com desconfiança, e os diálogos se resumiam a risinhos constrangidos de cada lado e pronto. Um dossiê da revista *IHU On-Line*<sup>6</sup>, do Instituto Humanitas Unisinos, do qual participei junto com a jornalista Graziela Wolfart, não faz muito tempo, mostrou a mudança nesse panorama. E nisso teve um grande papel a atuação de Karl-Josef Kuschel<sup>7</sup> quando ironizou

On-Line)

6 Trata-se da edição 251 da *Revista IHU On-Line*, de 17-03-2008, disponível para download em <http://migre.me/qQLe>. (Nota da IHU On-Line)

7 **Karl-Josef Kuschel**: teólogo católico alemão que promove um constante diálogo mais intenso entre cristãos, judeus e muçulmanos. Formado em Tübingen, é doutor honoris causa pela Universidade de Lund, Suécia. Leciona Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica de Tübingen. É vice-presidente da Fundação Weltethos (Ética Mundial). Confira as publicações de Kuschel no IHU: Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19, 1 - 38; 3, 35 - 49) Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos, publicado no Cadernos Teologia Pública nº 49, disponível para download em <http://migre.me/qQMj>; Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas, publicado no Cadernos Teologia Pública nº 28, disponível para download em <http://migre.me/qQNo>; Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo, publicado no Cadernos Teologia Pública nº 21, disponível para download em <http://migre.me/qQO2>; O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal, publicado no Cadernos IHU ideias nº 127, disponível para download em [a arrogância de quem manipula o texto literário para finalidades religiosas e a arrogância oposta de quem faz que não vê a angústia religiosa pulsando no fundo do texto. Kuschel vai mais longe e, fazendo suas as palavras de um poeta alemão, diz que Deus inventou os artistas, poetas, pintores, músicos, cineastas para preservar o sagrado que os sacerdotes e os teólogos deixaram escapar de suas mãos. É como se a reflexão teológica se deslocasse do campo fechado da teologia para o campo aberto da arte. Finalmente, todos descobrimos São Tomás<sup>8</sup>: a vida extrapola o conceito. Felizmente, todos estamos descobrindo o São Tomás de a vida extrapola o conceito.](http://migre.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

**Deus e as dobras do texto** - Parece que Deus gosta mais de literatura do que de teologia. Veja o *Ulisses* de Joyce<sup>9</sup>. É o grande romance da modernidade. Chegou-se a dizer que era um divisor de águas: antes e depois do *Ulisses*. E chegou-se a dizer também que o *Ulisses* é um romance teológico. Talvez porque lá se diga que Deus é um grito no meio da rua. O fato é que Deus aparece na literatura, de vez em quando dá as caras no cinema, ele gosta da arte. Mas é manhoso, arteiro, se esconde, se disfarça nas dobras do texto, e é assim há muito tempo. Os profetas sabiam disso. Isaías principalmente: Tu és um Deus que se esconde.

**Guimarães Rosa e Dostoiévski** - Vamos dar só dois exemplos: Dostoiévski

[me/qQPO](http://migre.me/qQPO). Leia, também, as entrevistas: O papel contemporâneo da religião, publicado na edição 302 da *Revista IHU On-Line*, de 03-08-2009, disponível em <http://migre.me/qQQn>. (Nota da IHU On-Line)

8 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

9 **James Augustine Aloysius Joyce** (1882-1941): escritor irlandês considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses* (1914) e os romances *Retrato do artista quando jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnicius Revém* (1939). (Nota da IHU On-Line)

vski<sup>10</sup> e Guimarães Rosa<sup>11</sup>. Deus está ou não presente em seus romances? Minas é mais perto do que a Rússia, podemos falar melhor de Rosa. A quem se dirige Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, nesse livro que parece o fragmento de uma grande confissão? Quem é o interlocutor cruel que ouve, ouve, ouve e não responde? É o diabo? E se não for? É preciso ler o romance examinando isso. Não quero dizer nada porque, segundo Wittgenstein<sup>12</sup>, aquilo que o leitor pode descobrir é melhor deixar por conta do leitor. Vê como a literatura se aproxima da teologia? Mas não é

## “Essa aproximação entre literatura e teologia vem sendo chamada de teopoética”

uma teologia do poder, é uma teologia que não sabe, que procura, que é sabedoria e, por isso mesmo, vá lá uma pitada de Walter Benjamin, é o índice da incompletude dos nossos saberes.

**Humanidade coisificada** - Essa aproximação entre literatura e teologia vem sendo chamada de teopoética. Acho que, na história recente, o primeiro a empregar essa palavra foi Harvey Cox<sup>13</sup> para designar a teologia imaginativa. Foi na esteira de Cox que eu usei a palavra no meu *A Bailadora Andaluza*, publicado em 1996. Mas coube a Kuschel desenvolver o conceito de maneira mais precisa, e é no sentido de Kuschel que a palavra vem ganhando terreno nos meios acadêmicos, tanto nos estudos teológicos quanto nos estudos literários. Seja como for, ao resgatar valores humanos, a teopoética é extremamente importante num momento em que a humanidade se coisifica, e o que chama a atenção no homem moderno é o olhar vazio de quem perdeu o caminho do ser.

**Pesquisas atuais** - No momento, preparo um artigo sobre João Cabral, uma espécie de *post-scriptum* de *A Bailadora Andaluza*, à maneira de Umberto Eco (não veja pretensão nisso). O livro, que está sendo coordenado pelo professor Luciano Santos, da UFBA, e também pelo professor Geraldo Mori<sup>14</sup>, da Facul-

dade dos Jesuítas em Belo Horizonte, será publicado pela Loyola com prefácio de Kuschel. Fora isso, estou preparando textos para diversos encontros, entre os quais o da Alalite, em Buenos Aires, no mês de outubro. Vou coordenar um simpósio na Soter, em julho, junto com Maria Clara e Eliana Yunes, preparo também um livro reunindo artigos que tenho espalhados por aí e, sobretudo, estou lendo muito. Enfim, tenho trabalho para mais uns 50 anos.

**Pequenos luxos** - Gosto de caminhadas, do silêncio, de música. Alguns autores me perseguem e tenho de lê-los. Mas é com prazer que os leio: Santo Agostinho, Proust<sup>15</sup>, Camus<sup>16</sup>. Gosto demais do comissário Maigret, de Simenon, a ponto de tê-lo citado em um livro. Entre os brasileiros, Machado<sup>17</sup>,

*Deus. “Viva o povo brasileiro” de João Ubaldo Ribeiro, concedida com exclusividade à IHU On-Line e disponível em <http://migre.me/qSIU>. Leia, também, a edição 11 do Cadernos Teologia Pública, de sua autoria, intitulada A teologia em situação de pós-modernidade, disponível em <http://migre.me/qSL9>. (Nota da IHU On-Line)*

15 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922): escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

16 Albert Camus (1913-1960): escritor, novelista, ensaísta e filósofo argelino. Confira as seguintes entrevistas, publicadas na IHU On-Line: “Albert Camus é sensível à humanidade de Cristo”, com Arnaud Corbic, publicada nas *Notícias do Dia* 23-03-2010, disponível em <http://migre.me/qROL>; Camus entre a emoção e a graça, concedida por Waldecy Tenório e publicada nas *Notícias do Dia* 03-02-2010, disponível em <http://migre.me/qR1O>. (Nota da IHU On-Line)

17 Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Ática, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Mailde Trípoli, nas *Notícias do Dia* 20-04-2007, no link <http://migre.me/qR3n>, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://migre.me/qR47>, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/qR4B>. (Nota da IHU On-Line)

10 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor, a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano, disponível em <http://migre.me/qQUA>. (Nota da IHU On-Line)

11 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006, o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. (Nota da IHU On-Line)

12 Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. (Nota da IHU On-Line).

13 Harvey Cox: teólogo batista americano, professor na Universidade de Harvard. Autor de livros como *Fire From Heaven* (Massachusetts: Addison Wesley, 1985) e *A Cidade do Homem* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971). (Nota da IHU On-Line)

14 Geraldo Mori: filósofo e teólogo brasileiro, sacerdote jesuíta, professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. É autor de *Le temps: énigme des hommes, mystère de Dieu. Une poétique eucharistique du temps en contexte brésilien* (Paris: Les Editions Du Cerf, 2006). Confira, nas *Notícias do Dia* 12-09-2009, a entrevista *Literatura: lugar de narrar*

“Quanto a mim, posso apenas expressar desejos. Que a teologia abandone seus dogmatismos e suas certezas. Ouça mais o coração do que a cabeça. Que ela seja aquilo que Horkheimer queria que ela fosse: a esperança de que o assassino não triunfe nunca sobre a vítima inocente”

Rosa, Manuel Bandeira<sup>18</sup>, Drummond<sup>19</sup>. Talvez fosse um luxo desejável ser as-trônomo ou maestro da orquestra sinfônica... Mas, o luxo maior acho que seria aquele que se deu Paul Klee: o de ser inapreensível na imanência.

**Grandes ateus** - Gosto mais deles do que dos carolas. Tenho horror a carolas, em todas as variantes, inclusive os de partido político. Sou chegado ao cristianismo de Tolstói e gosto imensamente dos ateus. Da angústia dos ateus. Camus me comove. Devo ter algum parentesco com Juan Luis Segundo<sup>20</sup>, esse teólogo que escreve para os ateus um livro admirável, *A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré*.

**Desafios da Teologia** - Essa pergunta é para os teólogos, cabe a eles

<sup>18</sup> Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Conde, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

<sup>19</sup> Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da Revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo, disponível em <http://migre.me/qR6O>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>20</sup> Juan Luis Segundo (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em 5 volumes (*Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa idéia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa*). (Nota da IHU On-Line)

dar a resposta. Quanto a mim, posso apenas expressar desejos. Que a teologia abandone seus dogmatismos e suas certezas. Ouça mais o coração do que a cabeça. Que ela seja aquilo que Horkheimer queria que ela fosse: a esperança de que o assassino não triunfe nunca sobre a vítima inocente.

**O ser brasileiro** - No passado, fomos “fortes”, depois, fomos “cordiais”, depois, “tristes”, depois, viamos “macunaímicos” e caímos na dialética da malandragem. Agora, estamos em outro estágio, o cinismo. Hélio Pellegrino<sup>21</sup> falou na sociopatia brasileira, essa doença social que se manifesta no sintoma generalizado da falta de vergonha. É uma gangrena, uma peste. É preciso muito cuidado para evitar o contágio.

**IHU** - O trabalho que o Instituto Humanitas Unisinos - IHU vem fazendo pode ser visto como um antídoto para a sociopatia de que falava Hélio Pellegrino. É uma das coisas mais importantes da universidade brasileira, incluindo as públicas e as comunitárias. O IHU acompanha os grandes desafios da modernidade, discute os problemas brasileiros e, enfim, presta um grande serviço à sociedade em geral. Posso dizer, com tranquilidade, que tenho orgulho de colaborar com o IHU.

<sup>21</sup> Hélio Pellegrino (1924-1988): psicanalista, escritor e poeta brasileiro, célebre por sua militância de esquerda e por sua amizade com os também escritores Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Nelson Rodrigues. Foi o segundo marido da escritora Lya Luft. (Nota da IHU On-Line)



Orações Ilustradas.

Acesse em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# IHU Repórter

## Caroline Santilli

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

**Q**uieta, reservada, tranquila, detalhista e cuidadosa em seu trabalho e nas suas relações pessoais. Alguém que gosta do que faz e que procura sempre ver o lado bom das coisas. Essas são algumas das características de Caroline Santilli, 31 anos, secretária editorial do setor de Periódicos da Unisinos. Natural de São Paulo, vive no Rio Grande do Sul desde 1985, e, desde 2007, é funcionária da Universidade. Conheça mais sobre ela na entrevista a seguir, concedida pessoalmente à IHU On-Line.

**Origens, família e infância** - Nasci em São Paulo. Vim para o Rio Grande do Sul em 1985, quando meu pai foi transferido para a filial da gráfica onde trabalhava. Até hoje vivo em Gravataí com meus pais e meu irmão Eduardo. O restante da família permanece em São Paulo - tios, primos e avó. Temos familiares vivendo na capital, outros no interior, de onde vieram meus pais. Mantemos contato regular por telefone. A cidade onde nasci, São Paulo, não conheço muito. Quando vou para lá, fico com minha avó. Prefiro não deixá-la sozinha, já que passamos tanto tempo longe. Meu avô faleceu recentemente. O pessoal de lá fala que já tenho um sotaque muito gaúcho. Quando chego aqui, dizem que estou com o sotaque muito paulista. Então, há controvérsias. Houve uma época em que tínhamos a expectativa de voltar, mas a vida foi se estabelecendo por aqui, e ficamos. Hoje não vamos tanto para São Paulo. Vou apenas uma vez por ano. Viajava com mais frequ-

ência quando eu era pequena, e não trabalhava. Hoje em dia, isso já é mais difícil.

**Trabalho e estudos** - Estudei sempre em Gravataí. Quando chegou a idade de faculdade, fui para a PUCRS, onde cursei Letras. Desde os 18 anos, trabalho com o idioma inglês. Já estudava esse idioma quando mais nova. Ao entrar na faculdade, estudava inglês há uns 5 ou 6 anos. Comecei a dar aula numa escola de Gravataí, paralelo ao curso da universidade. Ao todo, foram uns dez anos lecionando. Dei aulas em Gravataí e depois no Cultural, em Porto Alegre. A seguir, fui procurar outra coisa para fazer. Queria algo em que eu já pudesse utilizar a experiência que tinha. Resolvi enviar um currículo para a Unisinos. Alguns meses se passaram e ligaram porque precisavam de uma pessoa para o setor de revistas científicas. Nunca havia trabalhado com publicações de tipo algum. Aceitei o desafio para uma tarefa totalmente

nova, uma rotina diferente daquela de professora. A Unisinos confiou em mim, e eu confiei nela. Felizmente, deu tudo certo. Em julho completo três anos aqui na universidade.

**Inglês** - Aprendi inglês só de estudar, nunca cheguei a fazer alguma viagem de imersão no idioma. Cheguei a pensar nisso, mas aí veio o episódio do atentado terrorista às Torres Gêmeas, em 2001. Então, desisti. Em seguida, ficou caro viajar. Mas pretendo viajar, sim. Às vezes, sinto falta de estar em sala de aula, ministrando. Inglês é algo de que eu gosto. De vez em quando, pego um livro para ler ou dou umas aulas particulares para “matar” a vontade de falar.

**Publicações** - As revistas da Unisinos são, em geral, quadrimestrais, outras semestrais. Temos um trabalho constante com textos das publicações, mas há picos de demanda. Em abril, há movimento intenso, quando saem bastantes revistas. Agora, especifica-



## >> NA FOTO, CAROLINE COM SUAS AMIGAS

mente, estamos num processo em que algumas revistas que são impressas passarão a ser eletrônicas, somente. Eu e minha colega, Jully, estamos num processo de criação de layouts, que não é o que costumemente fazemos. Temos 17 publicações da Unisinos até agora. Ainda neste ano, apenas duas permanecerão publicadas em papel. A meta é que, até 2011, todas já estejam em formato digital. Em geral, são revistas de pós-graduações. As impressas são enviadas como doação, outras como permuta e, ainda assim, temos um bom estoque. Esse é um dos motivos pelos quais iremos priorizar as versões eletrônicas. Imprimimos apenas 250 exemplares de cada uma das publicações. Todas elas são de acesso livre, sejam impressas ou on-line. Mesmo as revistas impressas são disponibilizadas on-line.

**Educação continuada** - Em 2005, cursei especialização em Estudos Avançados em Língua Inglesa, na PUCRS. Com isso, pensei em definir melhor um foco para cursar mestrado. Na ocasião, eu não conhecia a Unisinos. Na PUCRS, as opções de mestrado não eram do meu interesse. Tenho vontade de fazer outros cursos de duração menor, que me ajudem na função que desempenho hoje.

**Lazer** - Gosto de cinema,

embora esteja em débito comigo mesma. Gostaria de assistir a mais filmes. Música e rádio são outros interesses. Tenho amigas da época da graduação e com elas continuo tendo contato. Nos encontramos para almoçar, passar a tarde juntas. Meus pais têm uma casa em Canela, então, de vez em quando, vamos para lá. Também gosto de levar amigos para passarmos alguns dias lá.

**Esporte** - Há pouco tempo comecei a fazer pilates. Achei superlegal. Iniciei depois de uma consulta médica, e me entusiasmei. É que abriu perto da minha casa um estúdio de pilates, então comecei a frequentá-lo. Tem tudo a ver comigo, com meu perfil, mais do que ir para uma academia com som alto. É um exercício mais tranquilo. Estou bem animada com ele, e indo aos poucos, pois estava há tempo sem fazer uma atividade física regular.

**Sonhos** - Ainda não tenho minha própria família. Esse é um sonho que quero realizar. Como na época de estudante não pude viajar para o exterior, gostaria de fazer um curso rápido ou uma viagem a passeio. Não há muita explicação, mas gostaria imensamente de conhecer Chicago. Como sou de origem italiana, também seria legal conhecer a Itália.

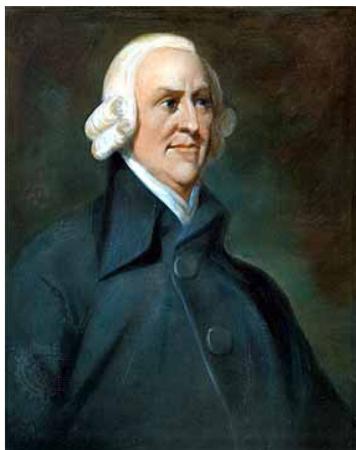
“Defino a vida como única. Devemos aproveitá-la bem, estar perto das pessoas que gostamos e valorizá-las”

**Religião** - Sou católica e tenho minha fé bem definida. Não misturo minha crença com nenhuma outra coisa. Contudo, já fui mais praticante na Igreja.

**Vida** - Defino a vida como única. Devemos aproveitá-la bem, estar perto das pessoas que gostamos e valorizá-las. Por vezes, só nos damos conta disso quando alguém com quem nos importamos “vai embora”, quando algo passou e não fizemos ou não dissemos algo. Em função da minha fé, como acredito que somos seres únicos, o meu momento é agora. Devemos aproveitar e viver, porque isso só acontece uma vez. Precisamos viver bem e em paz. Já existe tanta correria no nosso cotidiano... Trabalhar no que se gosta e viver feliz é fundamental.

**Unisinos** - Quando cheguei na Unisinos, fiquei positivamente impressionada. É um lugar diferente, o campus é bastante aberto. Isso chamou a minha atenção, sobretudo para alguém que vem da PUCRS, como eu. Lá há diversos prédios, todos perto uns dos outros - é outra lógica, horizontal. Outro aspecto que me atraiu aqui foi o trabalho em si, as pessoas da unidade de pesquisa à qual a editoria de periódicos está ligada. Cito, em especial, a Raquel Koste, as professoras Renata Netto e Beatriz Marocco, que me acolheram muito bem.

# Destaques



## Adam Smith no Repensando os clássicos da Economia - EAD

No próximo dia 5 de abril, inicia o módulo *Adam Smith: Filósofo e Economista - Adam Smith, 1723-1790*, do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Os professores de economia **Fernando Lara** e **Achyles Barcelos da Costa**, da Unisinos, comentam, nesta edição, a importância do “pai” da economia clássica. Confira a programação completa no link <http://bit.ly/cJSR6a>

## Espiritualidade na Internet

O professor da Unisinos, **Pedro Gilberto Gomes**, será responsável por explicar o tema “Espiritualidade via Internet: desafios e perspectivas” na próxima edição do evento **IHU ideias**, promovido pelo IHU dia 08-04-2010. O encontro acontece na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, às 17h30min. Leia, neste número, uma entrevista com o professor, para quem a utilização da Internet por diversas instituições religiosas fomenta uma reflexão: que novas formas de religião ou de espiritualidade emergem desse processo?



## Dignidade e Direito à Identidade Genética

Na edição nº 128 do **Cadernos IHU ideias**, intitulado *Dignidade da Pessoa Humana e o Direito Fundamental à Identidade Genética*, dos autores **Ingo Wolfgang Sarlet** e **Selma Rodrigues Petterle**, são explorados os impactos das novas tecnologias relacionadas à preservação da vida, que se ao mesmo tempo possibilitam aos indivíduos um melhor bem viver, por outro lado acabam por exercer um controle sobre a mesma. A edição impressa da publicação pode ser adquirida na Livraria Cultural e/ou pelo endereço [livrariacultural@terra.com.br](mailto:livrariacultural@terra.com.br). A versão em PDF estará disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) a partir do dia 19 de abril.



Leia também nesta edição a Convocatória para os dois simpósios internacionais que o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove neste ano: **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana** (13 a 16 de setembro de 2010) e **XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missionária: território, cultura e identidade** (25 a 28 de outubro de 2010). As mesmas também podem ser lidas no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

Apoio:

